

A ESCOLA

REVISTA PEDAGOGICA MENSAL

N. 29

ANNO III

AGOSTO, 1925

SUMMARIO

A instrução publica em São Paulo	<i>Ignacio do Amaral</i>	185
--	------------------------------------	-----

NOTAS E COMMENTARIOS

O ensino da literatura.	<i>Carlos Porto Carreiro</i>	189
---------------------------------	--	-----

ENSINO PRIMARIO

Linguagem.	<i>Maria Coutinho do Amorim</i>	192
Geographia.	<i>Ignacio do Amaral</i>	195
Historia	<i>Olympia do Coutto</i>	196
Arithmetica	<i>Mathilde Cirne Bruno</i>	202
Lições de coisas	<i>Annacilda do Prado Seixas</i>	204

LITTERATURA

Historia para crianças	<i>Leonor Posada</i>	206
----------------------------------	--------------------------------	-----

INFORMAÇÕES E AVISOS — ATRAVÉZ DAS REVISTAS
BIBLIOGRAPHIA

RIO DE JANEIRO

A CURA DA ASTHMA

E SUAS TERRIVEIS MANIFESTAÇÕES.
INFALLIVEL E IMMEDIATA

**Dyspnéas, Influenza, Defluxos, Bronchites,
Catarrhos agudos e chronicos, Coqueluche,
Cansaço, Chiados do Peito, Tosses Rebeldes,
Suffocações, etc.**

A Salvação dos Asthmaticos

REMEDIO DO DOUTOR REYNGATE

A *Asthma*, segundo a opinião dos grandes Medicos Scientistas, é uma nevrose cujo tratamento se torna bem difficil.

A **Salvação dos Asthmaticos** ou o Remedio do DOUTOR REYNGATE é um MEDICAMENTO DE VALOR composto unicamente de vegetaes que vem preencher este vacuo que sentem as pessoas que soffrem de *Asthma* e suas terriveis manifestações. O seu valor therapeutico está no grande numero de Clinicos que attestam a sua efficacia e o grande numero de pessoas curadas cujos attestados são publicados diariamente.

A **Salvação dos Asthmaticos** do DOUTOR REYNGATE é um MEDICAMENTO DE GRANDE VALOR, que não se deve confundir com os demais existentes, que nada curam e só alliviam por alguns instantes as pessoas *Asthmaticas*.

O uso por espaço de tres mezes da SALVAÇÃO DOS ASTHMATICOS do DOUTOR REYNGATE *cura por completo*, a *Asthma*, apparecendo, logo ao começo do uso do *Remedio*, sensiveis melhoras.

O seu valor incontestavel está nas pessoas que delle têm feito uso e attestam a sua efficacia e do grande numero de Medicos desta Capital e dos Estados que o receitam diariamente em sua clinica.

Modo de usar: *Adultos:* 30 gottas em agua assucarada pela manhã, ao meio-dia e á noite, ao deitar-se.

Creanças: 15 gottas, salvo as prescrições medicas.

Encontra-se nas principaes Pharmacias e Drogarias do Brasil.

AVISO — Preço de cada vidro 12\$000, pelo Correio 15\$000. Envia-se para qualquer parte do Brasil mediante a remessa da importancia em carta com **valor declarado**

ao Agente Geral

J. de Carvalho - Caixa Postal N. 1724

Rua General Camara, 225 — Sobrado

RIO DE JANEIRO

A ESCOLA.

KOLATENO

O maior tónico da fadiga cerebral, da surmenage em geral

É o KOLATENO a melhor preparação de kola fresca, malt e phosphato de sodio

DOSES: *2 a 4 colheres das de chá por dia, puras ou diluidas em meio calix d'agua*

PHARMACIA HOMOEOPATHICA

Rua Barão de Mesquita, 875

ANDARAHY

Consultas medicas gratis

Aos alumnos soccorridos pelas caixas escolares, que tiverem sido assistidos por clinicos desta phar-macia, serão fornecidos medicamentos gratuitos; aos demais alumnos das escolas publicas serão fornecidos c/ 20 % de abatimento.

EMPREGUE

suas economias em **um Lote de Terreno** comprada a longo prazo e terá as seguintes vantagens:

- a possibilidade de construir sua casa;
- um juro compensador representado pela valorização, sempre crescente, do terreno;
- a economia mensal de uma determinada quantia (prestação) que redundará em seu proveito proprio.

Companhia Brasileira de Immoveis e Construções

SOCIEDADE ANONYMA — CAPITAL 6.000:000\$000

Terrenos nos melhores bairros do Rio — Ipanema — Leblon — Muda da Tijuca — Andarahy — Jockey Club — C. do Porto, ect.

48, AVENIDA RIO BRANCO

Casa Guimarães Caipóra

FUNDADA EM 1863

Especialidade: cereaes em grão, fubás, farinhas de milho, cangica, cangiquinha, melado, azeite de dendê e outros productos de Minas Bahia e outros Estados da União

RUA GONÇALVES DIAS, 12

RIO DE JANEIRO

A ESCOLA



EUGEINA WERNECK

Resultados prodigiosos nos resfriamentos e na gripe.

Allivio immediato nas nevralgias, dores de cabeça, dores nas costas e nas cadeiras.

DOSE: 2 comprimidos 3 vezes por dia

Na gripe evita que o doente vá à cama, debellando-a aos primeiros symptomas.



DO
Dr. Eduardo França

Cura eficaz de feridas antigas e recentes. DARTHROS, Frieiras, suor, fetido dos pés e da axilla e em injeções cura qualquer Gonorrhéa

Unicos depositarios

Araujo Freitas & Cia.
RUA DOS OURIVES, 88 — RIO
Preço 3\$500

SOCIEDADE ANONYMA

MARTINELLI

RIO DE JANEIRO, S. PAULO
SANTOS

End. Telg. MARTINELLI

Saques sobre Portugal, Ilhas, Hespanha, Italia, França, Inglaterra, Hollanda, Allemanha e New-York.

As taxas mais modicãa do mercado, entregando-se as letras immediatamente.
Compra e vende moeda e papel-moeda estrangeira.

Avenida Rio Branco,
106 - 108
Rio de Janeiro



Lumps, tava e tinge. Unico que não mancha — Depositarios Geraes
M. Gonçalves & Cia. — Municipal 13 — Teleph N. 159

A ESCOLA

FARINHA PERY

Preparação especial de mandioca dextrinizada para alimentação das **crianças, convalescentes e pessoas fracas**

Recomendada por médicos notáveis, a «Farinha Pery» está sendo consumida nos principais sanatórios e hospitais do país



ONDULAÇÃO DOS CABELLOS
Cabellos crespos com poucas aplicações do **CRESPODOL**
São com segurança obtidos
Vidro.... 10\$000 Pelo Correio.... 12\$000
Na Perfumaria À GARRAFA GRANDE
66, RUA URUGUAYANA, 66
Perestrello Filho & Cia.



VERMES INTESTINAES?

(OXYUROS)

Expulsão radical

pelos comprimidos insípidos
"Bayer" de

BUTOLAN

Está comprovado a sua tolerancia absoluta e infallibilidade pelos Adultos e Crianças no Brasil e Extrangeiro

Consulte seu medico

A' venda em todas as boas Drogarias e Pharmacias

A ESCOLA

REVISTA PEDAGOGICA MENSAL

REDACTOR:

Ignacio M. Azevedo do Amaral

Redacção e Administração

Rua 7 de Setembro, 51 (1º andar)

Telephone Norte 7389

GERENTE:

George Sumner

Typ. SANTA HELENA

Rua da Alfandega, 214

Telephone Norte 1298

Assignatura annual, na Capital Federal	9\$000
Assignatura annual, nos Estados	10\$000
Numero avulso	1\$000

ANNO III

Rio de Janeiro, Agosto de 1925

NUM. 29

A instrucção publica em São Paulo

POR

IGNACIO DO AMARAL

A ultima mensagem dirigida ao Congresso Legislativo do Estado de S. Paulo, pelo presidente Dr. Carlos de Campos, mais uma vez veio por em foco os negocios relativos á instrucção publica, naquella unidade da Federação, tratados no referido documento por forma a patentear a tradicional attenção sempre dispensada pelos seus differentes governos a tudo quanto interessa á educação e ensino do povo.

Não vacillou o actual governo paulista em reconhecer a procedencia das objecções formuladas contra a reforma do ensino primario naquelle estado adoptada em 1920, e antes affirmou a sua deficiencia, observando que ella "tinha forçosamente que soffrer a sorte das providencias experimentaes e de character transitorio, passando por meio de naturaes modificações, para regimen duradouro e estavel, já que sobre a materia não se podem decretar soluções integralmente definitivas."

Não é, talvez, fóra de proposito recordar os motivos da solução consagrada pela reforma paulista de 1920, e os termos a que se reduz tal solução.

Em 1920 São Paulo contava 548.000 creanças em idade escolar, isto é, entre sete e doze annos, das quaes somente 232.000 recebiam instrucção primaria, segundo a organização então vigente. As restantes 316.000 creanças não poderiam receber instrucção por falta de escolas onde pudessem se instruir.

O problema do combate ao analphabetismo se apresentava assim, nitidamente, sob o aspecto financeiro em que se podem reunir todas as difficuldades que a sua solução oferece na actualidade.

Duas soluções comportava tal problema,—no caso paulista, como em todos os semelhantes dos differentes estados brasileiros:—a elevação da dotação destinado á instrucção publica, até o nivel necessario para a criação das escolas indispensaveis á instrucção primaria de todas as creanças em idade escolar, ou a redução do curso primario ao ponto de tornar possivel a simples alphabetisação da população escolar existente, sem maiores sacrificios pecuniarios do estado.

Foi adoptado esse ultimo alvitre, sendo reduzido a dois annos o curso primario gratuito e obrigatorio, e perdendo a instrucção primaria posterior á phase elementar de alphabetisação o privilegio da gratuitidade, que a Constituição Federal entendeu dever assegurar.

Não faltaram applausos á solução preconizada pela reforma de 1920, e ainda hoje, ha quem enxergue na tendencia já affirmada, sobre o assumpto, pelo actual governo da Paulicéa, uma retrogradação inspirada por um estreito espirito de rotina.

E' verdade que alguns dos que assim pensam acreditam que o governo do Sr. Carlos de Campos ha de se achar em serios embaraços para dar destino á onda de analphabetos, que julgam ter affluido ás escolas, em consequencia da reforma de 1920, quando tal reforma, ao contrario do que esperavam os seus autores e ainda acreditam alguns de seus admiradores, teve como resultado, exactamente, a necessidade

de se fecharem numerosas escolas, que ficaram sem alumnos por não poderem receber como gratuitos os analphabetos que haviam excedido a idade em que poderiam legalmente iniciar a sua instrucção primaria.

Mas, mesmo que a reforma de 1920 tivesse sido escoimada dos defeitos que ainda mais aggravaram os inconvenientes da solução por ella adoptada, tal solução não deixaria de constituir um alvitre de duvidosa orthodoxia constitucional e de contestaveis vantagens para os alevantados objectivos do estado na orientação das questões referentes á instrucção e educação do povo.

E' preciso, de facto, não se exagerar os grandes males do analphabetismo ao ponto de julgal-os de effertos mais temiveis que os resultantes de uma simples alphabetisação, summariamente obtida sem a indispensavel educação integral do alphabetisado sob o triplice ponto de vista physico, moral e intellectual.

E' preciso, com effeito, não esquecer que si a falta de instrucção é um mal lamentavel, representando serio obstaculo para o progresso, a instrucção sem educação é um incontestavel perigo, que se pode constituir em grave ameaça para a ordem.

«São, sem duvida, — escrevia eu ha mais de quatro annos, (1) — bem preferiveis os males do analphabetismo, aos perigos de massas populares aparelhadas ao conhecimento de todos as idéas e opiniões, propagadas pela palavra escripta, sem a protecção de um senso critico, educado por uma cultura sã, que lhes permitta distinguir a boa da má doutrina, a idea renovadora, capaz de uma impulsão progressista, da utopia irrealisavel, cuja pregação só pode acarretar a perturbação da ordem e o entrave do progresso.

O ensino primario não pode, pois, se reduzir á simples alphabetisação; é indispensavel que elle complete a primeira educação intellectual por um conhecimento, em-

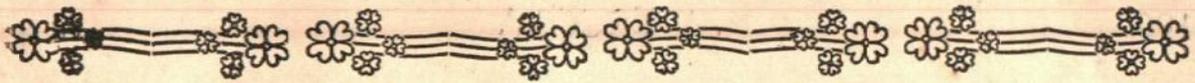
(1) "A Escola Primaria", 5.º anno, nº 3, Abril de 1921, vide artigo Politica de Instrucção Publica, pag. 66.

bora reduzido ás noções fundamentaes, do homem e da natureza, da nossa terra e da nossa gente, das nossas aspirações e dos nossos recursos; é, pois, indispensavel que elle abranja o estudo da essencia da nossa lingua, das linhas geraes da nossa geographia, nos pontos capitaes da nossa historia e das noções basicas das sciencias phisicas e naturaes, transmittidas sob a forma despretenciosa de lições de coisas, ao mesmo tempo que comporte as primeiras noções praticas do calculo arithmetico e boas bases de uma instrucção moral e civica».

Esse objectivo, certamente, não poderia ser alcançado num curso primario de dois annos.

Eis porque, como accentúa o Sr. Carlos de Campos em sua ultima mensagem, a reforma de 1920 «tinha forçosamente que soffrer a sorte das providencias experimentaes e de caracter transitorio...





NOTAS E COMMENTARIOS

O ensino da literatura

POR

CARLOS PORTO CARREIRO

Professor de lingua patria que se proponha ou a quem se solicite ministrar conhecimentos geraes da literatura, estrangeira ou nacional, ver-se-á embaraçado por falta dum livro ou de livros systematicamente organizados com esse fim.

Quanto á literatura classica, não me consta que haja obra didactica em portuguez, obra que satisfaça ás modernas exigencias do ensino e esteja de accordo com a corrente das idéas vigentes em nosso tempo.

O mesmo se pode affirmar do que respeita á literatura estrangeira, excluida talvez a portugueza.

E no que concerne á literatura brasileira ainda estamos longe de possuir um livro didactico que abranja, ao mesmo tempo, uma noção synthetica dos factores que entraram na elaboração das letras nacionaes, a historia do desenvolvimento dessa manifestação da nossa intellectualidade e a apreciação critica das principaes obras dos nossos escriptores.

E' bem de ver que nestas palavras não vae o intuito de desconhecer o merecimento dos trabalhos de Sylvio Romero, José Verissimo, João Ribeiro, Araripe Junior, Ronald de Carvalho e outros. Nem é desse genero de escriptos que carece a nossa literatura naquillo que se refere ao estudo critico das obras: a imprensa diaria está ahi para o attestar. Os nomes de Agrippino Grieco e Luiz Carlos Junior são dignos de nota especial.

Mas o de que precisamos é outra cousa: um instrumen-

das quaes constassem todas as referencias attinentes a bem localizar a individualidade literaria de cada escriptor.

Por essas anthologias se faria a analyse critico-literaria dos escriptos, e dellas se extrahiriam os modelos para composições mais elevadas do que as praticadas nas classes elementares da lingua vernacula

Fazendo-se realçar as bellezas e notar os defeitos e deslises dos autores, procurar-se-ia formar o gosto literario, preparando assim as gerações para a acquisição dum criterio mais seguro na apreciação das obras do espirito, e concorrer-se-ia para desenvolver o culto das boas letras.

No Brasil—todos os livreiros se queixam disso—bem pouco se lê.

Creio que a principal causa dessa desidia está no escasso preparo literario da mocidade, salvas as excepções.

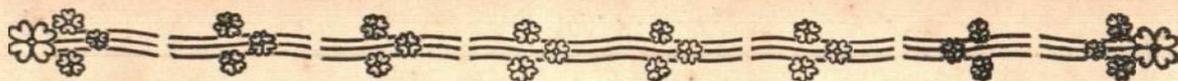
Os livros de fancaria, os horriveis romances policiaes, as novellas licenciosas, e outras ainda peores, as revistas pessimamente redigidas, inçadas de cousas mal traduzidas e indigestas,—constituem, infelizmente, a unica leitura attrahente para a grande maioria dos nossos rapazes e, infelizmente, para algumas mocinhas tambem.

Educar o gosto literario dos moços é, pois, uma obra de larga philanthropia, de profunda importancia social: é obra patriotica e humanitaria.

Faço daqui humilde appello a quantos se interessam pela elevação do nivel intellectual e moral de nossa Patria, para que trabalhem no sentido de diffundir esse sentimento esthetico entre os moços brasileiros, no tocante, pelo menos, á arte da palavra—essa grande semeadora de ideas desinteressadas, esse efficiente factor de saneamento ethico e social.

Rio, 23 VIII 925.





ENSINO PRIMARIO

Lingua materna

Linguagem

POR

MARIA COUTINHO DO AMORIM

Palestra - A familia — (Motivos para exercicio de linguagem oral e escripta)

Os avós:—Num lar que desfructa a felicidade de os possuir, são elles, na ordem hierarchica os chefes e progenitores de vossos paes, creanças.

Do que deveis a vossos paes, sois tambem devedores para com vossos avós. A felicidade e o bem que desfructam e que desfructaes foi por elles preparado e garantido. Não raro é o lar em que vos abrigaes levantado á custa de seu suor e de suas economias.

Quando pequeninos, é a vóvó a vossa melhor amiga e protectora; ella acoberta não raro as vossas travessuras e vos defende do castigo. O calor de sua ternura secca as vossas la-

grimas e as converte em doces sorrisos. Ninguem, tão bem como a vóvó, sabe contar as historias dos principes encantados e das fadas bemfazejas que povoam o mundo de vossas infantis illusões.

Na adolescencia, como um anjo providente, a vóvó redobra de desvelos, de cuidados, e o seu conselho, como uma oração perenne, dil-o á joven neta, seu enlevo, sua grande preocupação: Vóvô—pela longa pratica, e como heroe da lucta pela vida, é o conselheiro prudente, experimentado, o defensor, a grande arvore á cuja sombra bemfazeja se abriga confiante a numerosa prole.

São elles, na ordem moral, os chefes supremos do lar. E essa primazia elles a conquistaram atravez do tempo, no trabalho de todo o dia, na lucta insana pela segurança e garantia do futuro.

Aquellas rugas que lhes sulcam o rosto, aquelles cabellos brancos que lhes circumdam a fronte—são thesouros, que deveis venerar, como attestados de trabalho, de lucta, de exemplo, de amor, de dedicação e de sacrificio até.

O vosso amor e respeito, a vossa dedicação devem augmentar á medida que fraqueiam suas pernas, que se verga o seu corpo ao peso dos annos e que lhes fogem as forças.

Sejam a ternura, o carinho, a paciencia, o zelo, a dedicação — o tributo da vossa gratidão para com os vossos avós.

Os paes—A' medida que cresceis em annos, melhor podeis reflectir sobre a responsabilidade que pesa sobre os hombros de vossos paes e melhor avaliar de vossa divida para com elles.

Com o suor de seu rosto, na labuta constante, com sacrificio da propria vida, o papae garante a manutenção e o conforto do lar.

A vossa educação é a maior responsabilidade, o problema maximo da sua missão paterna. Delle recebeis tambem o exemplo de trabalho, de tenacidade. A integridade moral é a

mais solida herança que elle vos pode legar.

Qual de vós não tem pela mamãe um grande affecto? E, por que?

Desde que abris os olhos á luz do dia, é a ella que vêdes sempre solicita a acalentar-vos no berço, velando o vosso sono. Da cabeceira da cama, quando estaes doente, ella se não desprega, soffrendo comvosco e mais do que vós.

Desde que nasceis e sempre sois a sua maior preocupação. Viveis no inicio da existencia de — seu leite, — e de seu amor, por toda a vossa existencia.

A esposa virtuosa e boa, a mãe extremosa e sublime assegura a felicidade de um lar. Sua influencia sobre a formação do character dos filhos é profunda. A ella compete, pela força do exemplo, pelo calor do carinho e da ternura, moldar a alma de seus filhos, perfumando-a com o aroma da virtude e fortalecendo-a com a pureza de character.

Si é grande a responsabilidade de vossos paes, não é menor o vosso tributo para com elles. Para vós ha deveres imprescindiveis, deveres sagrados assumidos perante Deus, a humanidade, e vós mesmos.

Amor com amor se paga; mas o amor que deveis aos vossos paes é o amor intenso, revelado no respeito, na ternura, e provado pela dedicação pelo zelo, pela gratidão eterna.

Os irmãos — No affecto reciproco, na communhão de idéas, no respeito e auxilio mutuo, se firma a sublime virtude da união fraternal.

Vós, meninas, sendo boas, prestimosas, sollicitas, encontraeis em vossos irmãos—o companheiro, o amigo e conselheiro, o protector.

A ternura e a bondade se enquadram melhor em vossa alma; por isso mesmo, deveis fazer dellas as armas de vossa victoria.

A vós, meninos, a quem a natureza concedeu a primazia na força, no poder, na iniciativa, —cumpre que estejais sempre promptos para defender, proteger e auxiliar vossas irmãs, das quaes deveis ser o baluarte, a garantia, o refugio seguro.

Da vossa união, irmãos, depende tambem a felicidade de vosso lar.

Composição

1) — *O amor materno*

Orientação: — O amor de mãe é de todos o mais desinteressado e o mais nobre.

Nada se lhe compara. Elle se revela desde que o filhinho abre os olhos á luz; acompanha-o em todas as phases da vida, e ainda depois d'elle morto o segue sob a forma de saudade infinita.

O amor materno é cego; a mãe extremosa nem vê os defeitos de seu filho, e, si acaso os vê, perdoa-os.

Deante da intensidade e dos prodigios deste sentimento, qual não deve ser a gratidão dos filhos?

2) — *O poder do bom exemplo*

Orientação:—Si na creatura humana ha uma scintilla da Divindade, ha muito tambem da natureza animal.

A tendencia á imitação é um caracteristico da animalidade.

Nos seres irracionaes esta facilidade da imitação é conhecida. No homem ella apparece desde as primeiras edades; a educação tem nella um dos seus fundamentos.

Si assim é, grande deve ser forçosamente o poder do bom exemplo.

Obrigaçõ portanto dos paes e dos mestres é dar exemplos salutaes de virtude de toda a natureza.

O rigoroso cumprimento do dever, a ordem, o asseio, a compostura, a doçura no trato, o exercicio da Caridade, a obediencia é lei, a modestia, o amor do proximo sob todas as suas formas, o horror ao vicio e á dissipação, a tenacidade no trabalho e na pratica do bem,—tudo isso se adquire pelo conselho dos paes e dos mestres, mas ainda mais pelo bom exemplo.

Na propria escola, o bom exemplo de uma alumna correcta, e por isso alvo de grande estima, quantas vezes não será estímulo para a emenda de outras?

E' incontestavel esta força. Si nem sempre sobrepuja maus instinctos, nem por isso é menos real.

D'ahi decorre para todos nós, que vivemos na sociedade, no seio da familia ou em casas de educação, o dever de darmos bons exemplos. Elles fructificam como sementes regadas pelo orvalho do Ceu e pelo carinho do agricultor.

3) — *Um lar feliz*

Orientação:—Perante os altares foi abençoada a união do casal. Predicados excellentes do marido e da mulher faziam pre-

sagiar grande e constante ventura; aquelle — dedicado, trabalhador e affectuoso; esta — meiga, amorosa, dedicada, honestissima.

Ao cabo de um anno, um filhinho consolidou essa união. Cresceu elle entre cuidados vigilantes e carinhos, e na epocha propria começou a sua instrucção. Os bons exemplos e os conselhos paternaes fizeram desse menino um moço distincto, tanto pelo aproveitamento como pelo proceder.

Este resultado auspicioso completou a felicidade do lar, lar modelo pela harmonia e pelo encanto do amôr.

Geographia

POR

IGNACIO DO AMARAL

Principaes rios navegaveis da vertente do Paraná-- Paraguay

O estudo dos principaes rios da vertente do *Paraná—Paraguay* deve ser iniciado indicando-se a formação do Rio *Paraná* pela junção do *Rio Grande* e do *Paranahyba* e citando-se os principaes afluentes destes formadores, isto é, o *Rio das Mortes* o *Sapucaby* e o *Rio Pardo*, para o primeiro e o *São Marcos*, o *Verisscino*, o *Corumbá* e o *Meia-Parte*, para o seguudo.

Entre os afluentes brasileiros do *Paraná* devem ser citados o *Tieté*, notavel pelas interessantes particularidades de seu curso e pelo papel historico por elle desempenhado na exploração do nosso sertão, o *Paranapanema*, o *Iraby* e o *Iguasú*, todos pela margem esquerda.

Tratando do curso do rio *Paraná* deve o professor citar a

cachoeira de *Urubupunga* e o *Salto Grande de Guayra* ou *Salto das Sete Quedas*, bem como referindo-se ao curso do rio *Iguassú* deve ser citado o *Salto Grande* ou *Salto de Santa Maria*, cerca de 50 metros mais alto do que a cataracta do *Niagara*.

O estudo do curso brasileiro do rio *Paraguay* e dos seus afluentes em nosso territorio, não comporta grande desenvolvimento em um curso primario devendo ser citados o *Sepotuba*, o *Cabaçal*, o *Jaurú*, o *São Lourenço* engrossado pelo *Cuyabá*, o *Taquary*, o *Miranda* e, finalmente, o *Apa* na divisa entre o Brasil e o *Paraguay*.

O *Uruguay* que tem um curso de 1.390 kilometros dos quaes 833 em territorio brasi-

leiro, é formado pela junção do rio das *Canoas* e do *Pelotas*, tendo para principaes afluentes brasileiros o rio do *Peixe*, o *Chapeco*, o *Pepiri—Guassú*, pela margem direita, e pela margem esquerda o *Ijuhy*, o *Piratingy*, o *Camaquam*, o *Ibicuhy* e o *Quarahim*, na divisa entre o Brasil e o *Uruguay*.

Devem ser assignalados, no curso do rio *Uruguay*, o *Salto Grande* e outras cachoeiras que difficultam a navegação.

Concluindo o estudo dos rios da vertente do "Paraná-Paraguay" deve ser observado ser o "Paraguay" o principal dos afluentes do rio "Paraná" e que a junção deste com o rio "Uruguay" forma o rio ou estuario do Prata.

Historia

Pequenas lições de Historia pelo programma das escolas Municipaes

POR

OLYMPIA DO COUTTO

Vimos em lições anteriores como o desbravamento do sertão pelos brasileiros em busca de riquezas, á caça do ouro e das pedras preciosas, levára a nossa gente a fundar povoações, a cultivar a terra, a dilatar os cominios portuguezes nesta parte do mundo, e como o sentimento de nacionalidade, o amor á terra, a noção de bem

proprio e não alheio, conquistado á custa de penosos trabalhos e duros sacrificios, tomára corpo, avassallara as almas, transformára-se em aspiração, em ancia incontida, dando logar a manifestações que explodiam aqui e allí, cada vez mais vivas e ardentes, por mais terriveis que fossem as suas consequencias.

Portugal, na sua ambição desmesurada não sabia sequer provêr a sua mais bella, mais rica e mais vasta colonia dos melhoramentos materiaes que a fariam produzir mais e melhor: antes, ao contrario, negava-lhe instrucção, prohibia-lhe a abertura de estradas, a construcção de pontes, a livre navegação nos rios, o serviço dos correios, decretava a extincção das fabricas onde se manufacturassem tecidos finos de algodão, linho ou lã; prohibia o exercicio dos officios de ourives e sequer a conservação de utensilios relativos a essa arte; emfim, até no que dizia respeito á alimentação, ao plantio de cereaes, por exemplo, havia prohibições formaes, para que houvesse forçada importação de Portugal, cujos desmandos, desperdicios, luxo insolente e desmarcado, eram pagos com o trabalho do Brasil, que gemia sob o mais a oppressivo do governos, sob a mais cruel das tyrannias.

Não comprehendia a metropole que a reacção se havia de fazer um dia e tanto mais fragorosa quanto mais terrivel a oppressão experimentada, pois que os decretos prohibitivos estabeleciam tambem as penas a applicar aos transgressores e que constavam de açoitos, confisco de bens, degredo para as inhospitas terras da Africa, etc., até a pena de morte, com a aggravante de serem bem acceitas as denuncias mesmo em segredo, o que deve ter proporcionado ensejo a vinganças tremendas.

No meio de todas as prohibições decretadas pela metropole, a que avultava, a que os decretos assignalavam com especiaes minucias era a que dizia respeito ao ouro, ao ouro que Portugal queria todo encaminhado para as arcas do real erario a custear as loucuras de uma côrte que parecia tocada do delirio de uma estúpida grandeza, sem a menor noção de arte, de gosto, de belleza, de elevação moral.

Esta circumstancia explica porque a reacção se manifestou primeiro na capitania de Minas Geraes: era alli o emporio do ouro, a terra dos diamantes e demais pedras preciosas, e era portanto alli que mais pesavam os impostos e os vexames de toda a especie; por outro lado, as familias abastadas, enriquecidas naquella capitania com as successivas descobertas e exploração de minas, mandavam seus filhos a estudos na Europa, e elles de lá voltavam instruidos e cultos, de modo a se constituirem naquella capitania notaveis nucleos de homens illustres pelo saber, pelo interesse em estudar as questões que diziam com o futuro da sua terra, capaz de pôr em parallelo o que haviam observado no Velho Mundo com a situação angustiada, lamentavel, aviltante mesmo de terra de tantas possibilidades como era e é o Brasil. Os proprios portuguezes de certa cultura que vinham da Europa para a capitania de Minas Geraes, como por exemplo os magistra-

dos que alli deviam exercer jurisdicção, mostravam-se admirados das condições de atrazo d'aquella região maravilhosa, o que tudo cada vez mais pesava no animo dos que, penetrados do amor do torrão natal, desejavam ardentemente sua libertação e cogitavam dos meios de tornal-a realidade.

Não é nosso intuito expôr aqui minuciosamente quanto referem historiadores e chronistas relativamente á chamada «Conjuração Mineira», tentativa mallograda da independencia da capitania de Minas Geraes, que imaginavam os conjurados seria acompanhada immediatamente pela do Rio de Janeiro e S. Paulo, devendo a acção d'estes tres pontos importantissimos assegurar a de toda a colonia.

Diremos apenas que: o levantamento da idéa de uma revolução que promovesse a separação do Brasil de Portugal, e os primeiros passos no sentido de tornal-a realidade partiram de um grupo de moços brasileiros que estudavam na Europa, entre os quaes citaremos José Joaquim da Maia, já por seu talento brilhante e amor ao estudo, já por ser natural do Rio de Janeiro cujos momentos historicos estamos passando em revista; que alentado, encorajado pelo amor á terra do seu berço, chegou a procurar a adhesão e o auxilio de nação poderosa, que havia pouco conseguira conquistar a sua independencia, entendendo-se por certa com um representante d'esse paiz,

expondo a situação do Brasil, os recursos de que podia dispôr em homens e em munições, enfim desenvolvendo o assumpto sob seus varios aspectos; que tão importante se mostrou a questão apresentada, que determinou o emprazamento para um encontro, que teve logar em França, sem outro resultado senão as demonstrações pessoais de sympathia pela causa do Brasil e o apreço pelo joven brasileiro que com tanto ardor e convicção se empenhava pela felicidade da sua terra; que depois d'essa entrevista, deliberou José Joaquim da Maia vir ao Brasil, o que não conseguiu por ter adoecido e em breves dias fallecido em Portugal, quando de volta da França se preparava para a viagem. Diremos ainda que não se descuidavam aquelles nossos patricios, longe da terra natal, de tornarem conhecidos todos os seus actos e todas as suas idéas dos amigos e correligionarios de Minas e do Rio; e foi assim que o sentimento da independencia dominou o espirito de um grupo de homens eminentes, especialmente na capitania de Minas Geraes, cujo governador excessivo em desmandos e escandalos, tyrannico e cruel, só pelo terror conseguia manter a sua auctoridade. Poder-se-hia dizer que a revolução já estava em todas as almas; de modo que, substituido o governador, já era tal e tão grande a repulsa á metropole, era já tão ardente o desejo de sacudir o jugo portuguez, que

era impossivel contemporisar ou procurar soluçãõ differente á longa serie de calamidades, de verdadeira desgraça já soffrida.

Foi assim que se associaram no pensamento commum de preparar a revolução os mais notaveis, os mais cultos, os mais illustres habitantes de Minas, alguns dos quaes filhos d'aquella região. Não diz a historia de qual d'elles partiu a iniciativa, mas pôde se affirmar que o primeiro grupo, que foi alliciando adeptos, procurando adhesões, communicando enthusiasmo, foi constituido por tres grandes poetas, cujos nomes a historia da litteratura nacional registra com elevado apreço: Claudio Manoel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga e Ignacio José de Alvarenga Peixoto, todos formados em direito, o primeiro nascido em Minas, o segundo em Portugal mas de familia mineira, o terceiro fluminense mas com residencia antiga em Minas Geraes.

Eram os dous primeiros amigos inseparaveis, e a elles se reunia sempre Alvarenga Peixoto quando vinha a Villa-Rica onde residiam aquelles seus amigos.

A pouco e pouco outros espiritos se fõram penetrando da idéa que animava os tres poetas e o grupo foi augmentando, accrescido não só dos homens mais illustres da localidade como dos de outras villas, entre os quaes muitos militares e varios sacerdotes.

Entre os militares achava-se o alferes de cavallaria Joaquim José da Silva Xavier, mineiro, que já tinha exercido a profissão de mascate, sem conseguir fortuna, e se fizera depois soldado não conseguindo ir além do posto de alferes, sempre preterido nas promoções apesar de cumpridor do dever e de ter desempenhado arriscadas deligencias. A sorte nunca lhe fõra propicia: de familia pobre, modesta, procurou carreira no commercio, sem resultado; soldado, viu passarem-lhe á frente os companheiros mais novos no regimento, talvez por sua qualidade de brasileiro que não lhe permittia competir com os lusos; tentou a lavoura e a mineração tambem sem exito, e até, ao que dizem alguns chronicistas, apaixonado por uma moça mineira mas filha de portuguezes, viu contrariados as suas pretenções por não ter situação social conveniente.

Numa alma assim trabalhada pela adversidade só pôdem medrar dous sentimentos—ou a revolta surda e indomita que faz o bandido, ou a abnegação, a renuncia á felicidade propria em beneficio da alheia, que faz o heróe ou o santo. E foi por este caminho que enveredou a alferes Joaquim José da Silva Xavier. Homem intelligente, habilidoso em varios misteres, dentista habilissimo sem que constasse ter aprendido a arte com este ou aquelle profissional, conhecedor das virtudes das hervas no curativo das enfermidades, conhecimento que

adquirira nas viagens pelos sertões de Minas, gostava de alliviar os males alheios, de prestar auxilio aos pobres, e não podia por isso ser indifferente aos vexames e perseguições que sofriam os seus conterraneos; d'ahio associar-se áquelle grupo selecto que trabalhava pelo surto de uma éra de luz, de ordem, de segurança, de tranquillidade, de progresso, nas terras do Brasil.

Desejoso de concorrer efficazmente para o exito da revolução, o que melhor podia conseguir se dispuzesse de dinheiro, partiu para o Rio de Janeiro onde chegou radiante de esperanças, certo de alcançar todo o seu intento; procurou a auctoridade superior no governo, o vice-rei, pois já então havia sido o Brasil elevado á categoria de vice-reino, e apresentou-lhe propostas de melhoramentos que se promptificava a executar na cidade e consistiam na canalisação de rios para augmentar o abastecimento d'agua e na construcção de alguns trapiches que lhe pareciam necessarios ao commercio e ao provimento da população.

Não lhe deu o vice-rei grande importancia, mas remetteu os papeis para Portugal que lh'os devolveu para serem objecto de estudo. Enquanto corria o tempo com a natural demora das viagens, deixava-se ficar no Rio o alferes Silva Xavier que tinha em sua terra a alcunha de *Tiradentes*, nome com que passou á

historia e se impoz á veneração da posterioridade. Aproveitando o ensejo que se lhe offerencia, sondava os animos, fazia propaganda de suas idéas e teve occasião de manter longos entretenimentos com o Dr. José Alves Maciel, moço mineiro formado na Europa e que trouxera da França, de onde regressava, idéas adeantadas quanto aos direitos e ao destino dos povos.

Seguiu d'aqui o Dr. Maciel para Minas Geraes, onde encontrou, ainda aggravada, a situação que lhe desenhára Tiradentes: o governador da capitania recebera ordens da metropole para cobrar a importancia dos impostos em atrazo, o que attingia um total de pouco menos de 6 mil contos. A noticia põe desvairada a população que vira reduzidissimos os lucros com as medidas prohibitivas da metropole; não havia absolutamente meio de proceder aquella infeliz gente aos pagamentos exigidos, mesmo ficando sem pão, e eram de prevêr os terribes castigos que se seguiram ao fracasso da cobrança.

Houve quem se lembrasse de uma debandada geral, de um exodo completo, de uma retirada para o fundo dos sertões, onde não chegaria a *justiça d'el-rei* com o seu cortejo de crueldades e tyrannia. Em tão apertadas circumstancias, urgia precipitar a revolução, e foi o que resolveram os conjurados. Tiradentes apresentou-se a voltar a Minas para tomar parte na acção, e pelo

E lá chegado, as reuniões, os conciliabulos se succederam, formularam-se leis para a nova ordem de cousas, discutiram-se symbolos, tudo abertamente, quasi ás claras, na certeza do triumpho de uma causa que se impunha á consciencia do povo.

Tomadas todas as precauções, feitos todos os entendimentos, distribuidos todos os papeis, preparado o animo do povo, obtido o apoio da tropa de linha, garantido o concurso de todos os homens de prestigio, certa adhesão de S. Paulo e do Rio de Janeiro, só esperavam os conjurados o dia do inicio da cobrança, que corresponderia a um grito de alarma a chamar cada um ao seu posto.

E' nesta occasião que alguem lembra a necessidade de vir um emissario ao Rio preparar tudo para que rebentasse no Rio o motim ao mesmo tempo que em Minas, prendendo-se lá o governador da capitania e aqui o vice-rei, impedido por este modo de enviar soccorros á capitania.

E coube a Tiradentes a difficil commissão, que logo accéitou.

Entretanto, vagos rumores tinham chegado aos ouvidos do governador de Minas e pouco depois recebia elle denuncia de todos os planos dos conjurados pelo coronel Joaquim Silverio dos Reis, que instado por dous conjurados para tomar parte no movimento, o que traria á revolução o contingente do regimento

sob seu commando, fingiu-se convencido da situação, queixou-se falsamente de injustiças que soffrera por parte da metropole e ouviu attento toda a exposição do plano architectado, com os nomes dos chefes e medidas que se deviam seguir á victoria da revolução.

Sciante Joaquim Silverio de todos os projectos dos conjurados, tratou de procurar a confirmação de quanto lhe fôra confiado, entendendo-se com varios outros conjurados; e tanto que teve certeza da verdade, levou denuncia ao governador, que, para começar tirando o pretexto á revolta, suspendeu logo a cobrança sem dar mostras de estar de posse do segredo da conjuração, antes allegando motivos benevolos e naturaes.

Appareceram novos delatores a completar a obra de Joaquim Silverio, entre elles o tenente-coronel Basilio de Brito Malheiro do Lago, inimigo acerrimo de Gonzaga de quem jurára vingar-se por qualquer cousa que d'elle soffrera; e teve assim o governador espiões a seu serviço, falsos correligionarios que frequentavam assiduamente as casas dos conjurados, tomavam parte no que se discutia e assentava e corriam a dar conta de tudo a aquella auctoridade.

(Continúa)

Arithmetica

POR

MATHILDE CIRNE BRUNO

Systema metrico

Em palestra com os alumnos, fazemos sentir a necessidade da escolha d'uma *unidade*, para a avaliação das grandezas desconhecidas.

A' idéa de unidade, associemos a de adição: escolhida a grandeza que servirá de termo de comparação, vamos ainda contar o numero de unidades que precisamos reunir, uma a uma, para obtermos a grandeza a medir.

Examinemos os diversos casos, de que resultam o numero inteiro, a fracção ou o numero mixto.

Façamos vér aos alumnos os inconvenientes que offereciam as medidas antigamente adoptadas: a falta de uniformidade (o valor das medidas antigas variava consoante as localidades e, muitas vezes, num mesmo lugar, havia differença de anno para anno) acarretava prejuisos no commercio, na industria, e outros graves erros que, muitas vezes, vinham até complicar as pesquisas scientificas.

Em favor da sciencia, do commercio, da industria, foi então creado o systema metrico decimal, que fixou com precisão uma unidade para cada uma das principaes grandezas a medir

(extensão linear, superficie, volume, capacidade e peso), e estabeleceu uma lei muito simples para a formação de unidades secundarias: a lei decimal. E assim surgiram o metro, o metro quadrado, o metro cubico, o litro e o gramma. Não sendo, porem, na vida pratica, sufficientes essas medidas, foram ainda escolhidas unidades secundarias que, obedecendo todás á lei decimal de relação, representam ora multiplos da unidade principal, ora partes aliquotas dessa unidade.

Designamos os multiplos fazendo preceder ao nome da unidade principal os prefixos deca, hecto, kilo e myria. Designamos os sub-multiplos, fazendo uso dos prefixos deci, centi, milli, decimilli, ect.

Medidas de comprimento

Em 1790, por occasião da criação do systema metrico decimal, uma comissão de sabios, na qual figuravam Condorcet, Borda, Lagrange e Monge, propoz, como unidade de medidas a decima millionesima parte do quarto do meridiano terrestre. Foi assim então creado, para a avaliação do espaço a uma só

dimensão, o metro, unidade fundamental do systema: ao metro estão subordinadas todas as outras medidas do systema.

Km	Dm	Dm	m
5,08	— 24,45	28,2	— 95
Hm	Km	m	dm
16,5	— 1,5	6	— 128

Para ensinar aos alumnos a leitura ou a representação graphica dos numeros representando unidades lineares, basta lembrar-lhes que os decametros, hectometros, kilometros exprimem as dezenas, centenas e milhares do metro, e que os decímetros, centímetros e milímetros são os decimos, centesimos e millesimos da unidade principal.

Exercicios e problemas para as diversas classes.

I — Quantos decametros ha em 3 myriametros? em 1 do kilometro? em — Hm? 4 em 312 metros? em 195 decímetros? em 34,7m? etc.

II — Quantos decímetros ha em 48 centímetros? em — do decametro? em — do metro? em 4m,5? em 1 hectometro?

III — Que relação ha entre o kilometro e o millimetro? — Qual a differença entre o metro e o decimetro?

IV — Fazer as seguintes substrações convertendo o numero á unidade do maior.

V — Um negociante comprou café á razão de 2\$200 o kilo. Vendeu — com o lucro de 10 o/o e o resto com o lucro de 10\$800. Ganhôu ao todo 16\$080. Quantos kilos de café comprou o negociante?

Rp. 60 k.

VI — Pae e filho trabalham numa mesma fabrica, recebendo o filho — da diaria do pae.

No fim de algum tempo, tendo o pae trabalhado 8 dias menos que o filho, os dous operarios receberam quantias iguaes: 144\$000.

Qual a diaria de cada um? Rp. 12\$000 e 7\$000.

VII — Um capitalista colloca 40:000\$000, parte a 4 o/o, durante 5 mezes, e o resto a 3 o/o durante 4 mezes.

A somma dos juros attinge a 560\$000. Quaes os dous capitaes? Rp. 24:000\$ e 16:000\$.

VIII — Um barril contem vinho até os — da altura.

Quando se lhe deitam 6 litros d'agua, o preço do litro

da mistura diminue de $\frac{1}{13}$ de seu valor. Qual a capacidade do barril? Rp. 96 litros.

IX — Deitam-se 26 litros de vinho em 31 garrafas de tamanhos diversos; umas com a capacidade de $\frac{4}{5}$ do litro, outras

com a capacidade de $\frac{7}{8}$ do litro.

Quantas garrafas de cada tamanho foram precisas? Rp. 15 e 16.

X — Um negociante de louças comprou alguns copos, e desejou vendel-os á razão de 3\$500 cada um.

Quebraram-se 6, e o negociante, para apurar o mesmo lucro que pretendia, foi obrigado a vender os restantes á razão de 4\$200 cada um.

Quantos copos foram vendidos? Rp. 30.

XI — Uma turma de operarios, composta de 15 homens, 10 mulheres e 6 creanças, ganha 1:411\$200 em 7 dias. Calcular a diaria de cada um, sabendo que

a diaria d'uma mulher é os $\frac{3}{4}$ da diaria d'um homem e que a de cada creança corresponde aos $\frac{3}{5}$ da diaria das mulheres.

Rp. 8\$000, 6\$000 e 3\$600.

XII — Um alumno, ao effectuar uma divisão, por engano, tomou o dividendo por divisor e vice-versa. Encontrou no quociente o numero 0,2. Qual o verdadeiro quociente? Rp. 5.

XIII — Deitei 6800 grammas de mercurio num vaso de 1 litro de capacidade.

Qual a quantidade de mercurio necessaria para acabar de encher o vaso, si a densidade desse metal é 13,6?

Rp. $\frac{1}{2}$ litro.

Lições de coisas

2º ANNO

Hygiene do corpo. do vestuario e da alimentação

POR

ANNALCIDA DO PRADO SEIXAS

A professora falará aos concretos, das vantagens do alumnos, procurando exemplos asseio.

Hygiene do corpo—Dirá que a pessoa assejada é apreciada, agradável emquanto a que pouco se preocupa com o asseio, desagradada e muitas vezes se torna repugnante.

O asseio traz o bem estar do individuo, é um dos principaes factores para a conservação da saude, ao passo que a sua falta acarreta molestias, a maior parte das vezes contagiosas; poderá citar algumas.

Mostrará em que consistem os cuidados corporaes: banhar-se todos os dias, trazer o couro cabelludo e os cabellos sempre limpos evitando assim caspas e parasitas; trazer as mãos, os pés, as orelhas, o rosto, a bocca, as unhas sempre lavados. Não se deve esquecer de lavar as mãos frequentemente, principalmente antes e depois das refeições. Lavar os dentes ao menos pela manhã e á noite.

Hygiene do vestuario—Fará as crianças observarem que o vestuario não só é um bem moral, como serve para proteger o corpo do frio e do calor muito fortes.

Citará os tecidos empregados no verão e no inverno e qual a conveniencia delles.

Não se esquecerá de falar nos inconvenientes que podem

trazer as roupas molhadas e apertadas.

Dirá que as roupas devem estar sempre muito assejadas, principalmente as que estão em contacto directo com o corpo e por isto, se possivel fôr, devem ser mudadas diariamente.

Hygiene da alimentação—Falará na escrupulosa escolha dos alimentos dizendo que o sangue, liquido nutritivo do organismo, resulta justamente do alimento que ingerimos.

Indicará os alimentos bons, digeriveis, que se devem preferir. Citará os indigestos, mal confeccionados, os que facilmente se estragam, conservas, frios, etc. Dirá o perigo que ha nos alimentos expostos aos insectos e ás poeiras.

Mostrará a necessidade que existe de se escolher o alimento para a conservação da saude e segundo as funcções de cada um, que não se deve comer em demasia, que a má ou deficiente alimentação traz o depauperamento geral e que, para não se adquirir mau funcionamento do estomago, deve-se tomar as refeições ás horas certas, com sobriedade e mastigando-se bem os alimentos ingeridos.



LITTERATURA

Historia para crianças

POR

LEONOR POSADA

*Aos caros sobrinhos, Hugo, Nilda,
Odette, Orsina e Hortensinha*

A vingança do polichinello

I

Mariettinha olhou desanimada para todos os seus brinquedos espalhados no quarto.

A Lolota, a linda boneca que o pae lhe déra, estava a um canto, semi-núa, sem côr, e seus cabellos, á força dos banhos no grande tanque do jardim, tinham desaparecido.

Zizi, o formoso bebê de massa, já perdera a forma: o corpo cheio de bréchas, pelos tombos, vestia uma camisolinha suja, rasgadinha aqui e alli, uma vergonha emfim.

Os carros, sem rodas; os cavallinhos de caudas arrancadas, a bola furada, em summa, tudo devastado, tudo em ruina.

E o bello serviço de jantar? e a cosinha? Os pratos, as panellas, a sopeira, espalhados uns, quebrados outros; as caçarolas sem azas, a chaleira sem bico, o fogãosinho amassado.

Com o que havia de brincar, não acudia ao pensamento de Mariettinha. Com a Yayá, a graciosa bahianninha? Não, não que estava cega, a pobre! Com o Caramurú, o indio valente? Estava tão sujo!

Desanimada ia se retirar quando lobrigou a um canto o polichinello, ultimo presente do titio.

Ficou radiante! Achara com que se divertir. Tomou-o carinhosamente nos braços: olhou-o com sympathia a principio; depois, ao vê-lo com a bocca larga, num riso de escarneo, a pança enorme, a pequena encheu-se de furor.

— E' demais! Como fizeram feio este polichinello! Não posso supportar coisa igual! E dando expansão ao seu genio devastador, — zás! agarrou-o por uma perna e atirou-o de encontro á parede.

Com um ruido secco o polichinello cahiu. Ficando-lhe o rosto voltado para cima, viu-lhe Mariettinha o mesmo riso sardónico como a zombar de sua colera.

Não se conteve a pequena: enraivecida correu para elle e, com o pésinho amassou a cabeça do pobre truão, e ia, talvez, continuar a maltratal-o, quando a mamãe a chamou.

Afogueada, os olhos brilhantes, a menina sahiu do quarto.

II

Era hora de dormir. Vestida a longa camisolinha de rendas, Mariettinha, depois de fazer uma prece com os olhos na imagem da santa padroeira e o pensamento nos brincos que a tentavam, depois de beijar a mamãe, deitou-se.

Sentiu, pouco a pouco, uma modorra suave tomar-lhe o corpo todo; era o somno que chegava...

Depois, notou que os seus bracinhos, as suas pernas, seu todo, enfim, ia ficando pequenino e rijo como si fôra de massa, de louça.

Quiz gritar, chamar a mamãe... a voz lhe não sahiu da garganta.

Tentou levantar-se: o corpo hirto não permittia o menor movimento.

Angustiada, Mariettinha esperou que alguém viesse soccorrel-a, e se deixou ficar numa ansia sem nome, respirando a custo.

Ouviu, depois, como que alguém a abrir-lhe a porta do quarto. Olhou.

Uma claridade forte entrou, e approximaram-se passos, passos largos, decididos.

Era a mamãe... era o papae, talvez!

Mas não! Mariettinha enganou-se.

O polichinello, o seu polichinello, a que horas antes maltratará, surgiu-lhe á frente, não pequenino e fragil, mas forte, grande, enquanto ella se tornava cada vez menor... cada vez menor...

III

— Levanta-te, disse-lhe carrancudo o polichinello.

Mariettinha tentou erguer-se, mas não ponde. O boneco, então, puxou-a por um braço e arrancou-a da cama, sem piedade pondo-a de pé.

— Anda, ordenou elle, acompanha-me!

A menina não ousou protestar: era tão pequenina e o polichinello tão grande!

Sahiram.

Um luar magnifico prateava o jardim da casa de Mariettinha.

A menina olhou as flores e pareceu-lhe ouvir dos calices perfumados:

— Bem feito! Vaes pagar-nos a maldade com que nos trata.

Num sonoro cri-cri um grillo disse-lhe:

— Se tenho a perna partida devo-a á linha que a ella me amarraste, má!

Mariettinha baixou a cabeça envergonhada e seguiu o polichinello.

Deixaram o jardim: andaram longas ruas; afinal, chegaram á espessa matta.

A menina tinha já os pésinhos doridos.

— Não posso mais! quiz dizer; a voz, porem, foi somente um queixume, que se não ouviu.

Deixou-se ficar atraz.

O polichinello, sempre severo e carrancudo, voltou-se.

Vendo que Mariettinha mal podia andar, segurou-a por um braço, tal qual ella fazia ás bonecas e foi arrastando-a, arrastando-a...

IV

Chegando a um grande palacio, erguido ao meio da matta, cheio de torres altas, o polichinello parou.

Bateu tres vezes com a aldraba e as portas abriram-se de par em par.

O polichinello entrou, sempre arrastando Mariettinha pelo braço.

Enfileirados, de um lado e de outro, estavam muitos anãos de capacete vermelho, como os das historias fantasticas que tanta vez a mãe da menina lhe contára.

Mariettinha e o polichinello passaram entre elles e em pouco entraram num amplo salão cheio de cadeiras.

Ao fundo, num largo estrado via-se uma grande mesa forrada de velludo côr de sangue e por traz desta, sentados em cadeiras de espaldar de pellucia, a menina lobrigou tres vultos de toga negra, vestes que ella já vira com o titio no grande retrato da sala.

Separados por uma grade de madeira, em cadeiras arrumadas, com grande espanto seu, reconheceu Mariettinha o Zizi, o seu bebê, em ponto grande; a Lolota, a Filó, a bahianinha Yayá a que certa vez furara os olhos num momento de raiva; o indiosinho — o Caramurú — que o tio Sergio lhe déra, sem as pennas, sem o tacape, e, mais atraz, como si fossem gente — as panellas, os pratos, o fogãosinho, emfim todos os seus brinquedos.

Estavam sérios, mudos, zangados...

De outro lado, cochichando e rindo, num ar de quem espera um successo nunca visto — uma multidão de bonecas, palhaços, arlequins, pierrots e dansarinas.

Quando por elles a menina passou, olharam-n'a com um desprezo que a fez sentir-se humilde, tão humilde, tão humilde...

Mariettinha não podia comprehender todo esse apparatus, todo esse mysterio.

Viu chegarem-se-lhe a um aceno do polichinello uns oito anãos, e o truão indicando-a, disse-lhes:

— Conduzam a ré!

Depois, voltando se para ella, accrescentou:

— Menina, vaes ser julgada.

Mariettinha quiz falar. Como estava, porém, tal qual uma boneca, não teve voz, e foi com um grande medo no coração que se deixou levar pelos gnomos de barretinha vermelha.

Conduziram-n'a a um banco, em frente á grande mesa e se puzeram ao lado, em guarda, ferozes, com os rostos fechados, impassiveis.

A pequena, nem tinha coragem para levantar os olhos. Estava transida de pavor.

V

Um dos bonecos vestidos de preto levantou-se, e, estendendo a mão para Mariettinha, perguntou:

— De que accusam a ré? Levante-se o primeiro queixoso.

Ergueu-se o polichinello:

— Accuso-a, Snr. Juiz, de ser ingrata e má. Por ella deixei a companhia dos meus, na grande loja de brinquedos em que vivia. E que vida boa a nossa!

Mal fechadas as portas, sahidos os empregados, que festas inventavamos!

Bailavamos a cantar... Ah! meus amigos, que saudades tenho desse tempo!

Mas um dia, um moço sympathico me viu. Agradou-lhe o meu riso travesso, a minha pança enorme; comprou-me, dizendo:

— Vou levar-o á minha sobrinha. Como vae ficar satisfeita!

Estremeci, vaidoso. Cuidei que, daquelle dia em diante eu seria o encanto de uma linda menina, tão linda quanto boa.

Os meus primeiros dias em casa de minha dona, passei-os suavemente. Depois, como si enfarasse de mim, deixou-me num canto, até que hontem fui maltratado, injuriado, espezinhado. Clamo vingança, Snr. Juiz! Peço que a ré soffra todos os ultrajes por que passei.

E o polichinello sentou-se.

— Defiro, sentenciou gravemente o juiz.

Marietinha sentiu vontade de chorar: os soluços rebentavam-lhe o peito, doloridos, sem um anseio, sem um arfar.

Seria castigada. Ah! si ella soubesse..

— Levante-se o segundo queixoso, chamou o juiz.

A menina esperou-o a tremer.

Lolota, a linda boneca, sem cabellos, maltratada, as faces cheias de lanhos, ergueu-se:

— Accuso-a, Snr. Juiz, disse em voz pausada.

Nunca me senti tão infeliz como em sua companhia: eu tinha lindos cabellos loiros, caracolados: a feia cortou-m'os.

A' força de me mergulhar no tanque do jardim esmoeceram-se-me as cores da face, perdi a frescura da minha pelle.

Quando fui para sua casa levava um bello vestido azul, um toucado de rendas e sapatinhos de pellica. Despojou-me de tudo! Vestiu-me de trapos e sabe Deus quanta vez sangrei sentindo alfinetes agudos penetrarem-me a carne.

Quero que lhe cortem os cabellos, que a piquem de alfinetes e a mergulhem no tanque! Ficarei socegada!

— Defiro, repetiu solemne o magistrado.

Marietinha estremeceu de horror.

Por quantos supplicios não iria passar? Quem a salvaria?

VI

— Levante-se o terceiro accusador!

A menina viu erguer-se por sua vez, o seu bebe Zizi. Que feio estava!

Todo amassado, sem feitio; si elle pedisse as mesmas penas que seria della?

E a pobresinha sentia tremuras, como si fora uma folha abandonada ao vento.

— Accuso-a, disse a voz clara do bebe, de todos os máos tratos que soffri.

Quasi que já não tenho feitió devido aos tombos que me deu. Não possúo sinão tres dedos: os outros roeram-me os ratos no abandono a que fui atirado. Que lhe batam, que a ponham com os ratos e me darei por satisfeito.

— Defiro — confirmou o juiz.

Horror, pensava Mariettinha. Ser presa dos ratos, ella que tinha tanto medo desses bichinhos; antes morrer, morrer de uma vez, implorava angustiadamente, no fundo do coração, a infeliz pequena.

— Tem a palavra o quarto queixoso!

Mariettinha nem ousou levantar os olhos para reconhecê-lo. Era talvez, outra victima sua...

— Accuso-a, declarou sonóro e arrastadamente o indio Caramurú.

Era um selvagem taful, todo ornado de pennas com um co-car sumptuoso e um tacape a tiracollo.

— Arrancou-me tudo a menina. Despojou-me dos meus enfeites.

Como se eu fosse um ser inutil, deixou-me sempre atirado ao chão.

Quanto frio não supportei, deitado no soalho, sem roupas, a tiritar!

Uma noite, chuvosa e fria, atirou-me pela janella. Cahi numa poça dagua e lá fiquei até o dia seguinte, quando a creada, ao verme, cheia de pena, salvou-me.

Ah! que ella passe tambem uma noite fria lá fóra, sosinha com o mesmo horror porque passei!

— Defiro! sentenciou mais uma vez o magistrado.

— Meu Deus! gemeu Mariettinha, passar uma noite lá fóra, na matta, sob a chuva e o frio, á merce dos animaes ferozes...

Como a menina se arrependeu de tudo quanto havia feito! Como, de bom grado, se ajoelitaria alli, aos pés das suas victimas, agora transformadas em algozes!

Mas não podia fazel-o; sentia a lingua paralysada; a face parecia de porcellana...

Ninguem, talvez, poderia avaliar a dôr que ella soffria; ninguem!

VII

— Venha o quinto queixoso! chamou já cansado o Juiz.

Levantou-se, então, Yáya. Como não tinha mais olhos, ella se encaminhou para a mesa amparada por duas bonecas.

Aquelle espectáculo causou-lhe tremuras.

— Accuso-a, Snr. Juiz, exclamou a bahianinha, de me haver furado os olhos; estou cega, nunca mais vi o sol, nunca mais vi os meus amiguinhos...

E soluçava...

Depois, cheia de rancor, pediu:

— Que lhe arranquem os olhos... Que lhe arranquem os olhos!

— Defiro, disse quasi sem forças o boneco de preto.

Ficar cega, pensava Mariettinha nos paroxismos da dôr. Cega! não vêr mais o papae... não vêr mais a doce mamãesinha...

— Oh! Jesus! vem em meu soccorro, implorava a triste, no fundo da sua alma.

la talvez fazer alguma prece, quando o juiz se ergueu:

— Basta de accusações! O que ouvi é sufficiente para condemnar a ré!

E' mister, emtanto, que haja testemunhas.

Numa só voz, os pratos, as chicaras, as panellas, a chaleira, o fogãozinho, gritaram:

— Eu vi! Eu vi! Nós vimos!

VIII

O Juiz pronunciou:

— Entrego-vos a criminosa. Dae-lhe o castigo merecido!

Mariettinha sentiu-se morrer.

O primeiro que avançou para ella foi o polichinello. Puxou-a por um braço, atirou-a ao chão, bateu-lhe.

O corpozinho tinha um ruido secco ao receber as pancadas.

Que dôr! e a pobre sem poder gritar, sem poder soltar um só lamento!

— Afastem-se, gritou em furia a Lolota.

E' a minha vez!

Com uma tesoura cortou os sedosos cabellos de Mariettinha; depois mergulhou-a, a suffocal-a, quasi na piscina do salão.

Molhada, maltratada, a pequena soffria tudo mumificada como uma boneca, sem fazer um movimento, sem poder soltar um unico queixume.

Avançaram os outros algozes; a menina sentiu pontas agudas de alfinetes rasgarem-lhe as carnes; soffreu pancadas, puxões...

A sua camisolinha já estava em frangalhos, collada ao corpo, coberta do sangue que lhe corria das lanhuras abertas...

Morreria de certo...

Mas o seu pavor cresceu quando viu a Yáyá, entregando uma tesoura ao indio, a pedir que lhe furasse os olhos.

— Jesus ! suspirou Mariettinha a desmaiar...

IX

— Parem, cobardes ! Suspendam, perversos ! Sinão os destroçarei com a minha espada brilhante !

Ao ouvir essa voz, a menina abriu os olhinhos doloridos e viu o escoteiro, o bello escoteiro de seu irmão Roberto, a defendel-a da sanha dos seus algozes.

— Foi Deus que m'o enviou, pensou Mariettinha num raio de esperança.

E cahiu desmaiada...

O escoteiro, soltando um assobio, viu como encanto vir em seu auxilio um batalhão de pequenos heróes que, de casse-fête em punho, distribuiam o terror e pancadas a um tempo.

Foi uma debandada !

Bonecos corriam de um lado para outro em busca da sahida ; o polichinello desapareceu, arlequins e pierrots fugiram abandonando no chão os bandolins e os guizos...

Os juizes foram-se ; dos anãos, só se viam atirados os barretes vermelhos...

As panellas, os pratos, as chicaras tilintavam afflictamente deligenciando fugir.

Em pouco tempo no largo salão só estavam o luzidio grupo de escoteiros e a pequenita.

Voltando a si do desmaio, a menina sentiu-se levantada pelo escoteiro salvador que, com outro a carregou para casa.

Para que a não magoassem, marchavam elles docemente e Mariettinha sentiu um grande allivio no seu rosto de boneca bater o ar fresco da noite enluarada e linda.

Entraram no jardim. Atravessaram o salão e chegaram ao quarto da menina.

Collocaram-n'a sobre o leito ; achegaram-lhe as roupas tepidas ao corpinho maltratado frio e... desapareceram.

X

— Mamãe ! Mamãe ! gritou Mariettinha como louca, sentando-se na cama.

A joven senhora accorreu abrindo a luz electrica.

Mariettinha, os olhos muito abertos, mirava-se toda.

Não tinha nem um arranhão, não sentia nada !

Seus cabellos sedosos estavam, como sempre, compridos e lindos.

Fôra tudo sonho...
— Que foi, meu amor? perguntou-lhe sollicita a Mamãe.

— Ah! que sonho máo tive eu! Que sonho máo, minha mãesinha!

A moça beijou-a muito, acalmado a linda filhinha e disse:

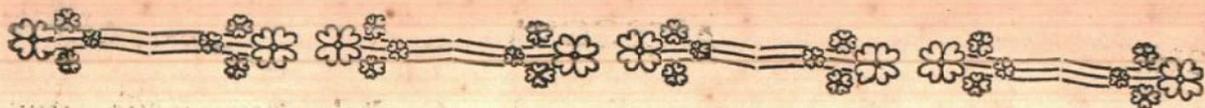
— Bem te aconselhei que não comesses tantas castanhas... Dormiste com o estomago cheio e tiveste um pezadello. Vou preparar-te um pouco de chá!

Depois de tomal-o, mais socegada, a menina deitou-se de novo, rogando, porém, á mãe que a não deixasse só!

Tinha tanto medo...

E, no outro dia, quando se levantou, correu ao quarto dos brinquedos, arrumou tudo com carinho, procurando com desvelos se penitenciar dos máos tratos que infligira aos seus inertes compañeros de folguedos, num grande arrependimento e não menor receio da repetição do máo sonho que tivera.

Fôra uma bella lição!



Informações e Avisos

A ultima reforma do ensino

A conveniencia de divulgar todos os documentos de origem autorizada, em que se possam encontrar esclarecimentos e commentarios sob os intuitos da ultima reforma do ensino nos induz a proporcionar aos nossos leitores a leitura do discurso proferido na solemne inauguração dos retratos dos Exmos. Snrs. Drs. Arthur da Silva Bernardes, Presidente da Republica, Affonso Penna Junior, Ministro da Justiça e Negócios Interiores e João Luiz Alves, ex-Ministro da Justiça e Negocios Interiores, pelo Dr. José Bernardino Paranhos da Silva, director da Secção de Expediente e Contabilidade do Departamento Nacional do Ensino e Secretario do Conselho Nacional do Ensino.

Foi a seguinte a oração do Dr. Paranhos da Silva:

Sr. representante do exmo. sr. presidente da republica!

Sr. representante do exmo. sr. vice-presidente da republica!

Exmo. sr. presidente do Supremo Tribunal Federal!

Sr. representante do exmo. sr. presidente da camara dos deputados!

Sr. representante do exmo. sr. ministro da justiça e negocios interiores!

Exmo. sr. presidente da corte de apellação!

Exmo. sr. dr. director geral do departamento nacional do ensino!

Meus senhores!

Honrado, sobremaneira, com a determinação do Exmo. Sr. Dr. Rocha Vaz, preclaro Director Geral deste Departamento, para vos falar em seu nome e no de todos os seus auxiliares, não o faço sem a consciencia nitida dos meus apoucados meritos, mas sinceramente ufano de ser o interprete de uma homenagem justissima aos que, através obstaculos de toda natureza, arrostando a má vontade da critica partidaria, rebatendo a teimosia da rotina poeirenta, reprimindo abusos e reconhecendo direitos, vão reerguendo o ensino nacional, solucionando graves pro-

blemas e fazendo obra capaz de assegurar a efficiencia do mais complexo e importante dos nossos apparatus administrativos.

Em quasi 40 annos de Republica, temos vivido a vacillar em materia de organização pedagogica, e os governos ou encolhem os hombros deante do formidavel labyrintho do ensino, pretendendo destrama-lo sem exame detido e sereno, ou realizam alguma cousa apreciavel que, logo, a interferencia da politica e as emendas do legislativo concorrem para complicar e desvirtuar, acarretando irregularidades e concessões lamentaveis.

O Codigo do Ensino, de . . . 1901, teria produzido melhores fructos, não fosse a proliferação dos equiparados, menosprezada a lei no seu exacto cumprimento; a chamada Lei Organica, o maior flagello administrativo com que se desmantelou todo o nosso apparatus escolar, apesar da sua apparente plastica doutrinaria copiou do estrangeiro e que se não podia adaptar ao nosso meio, aos nossos costumes de nação nova e inexperiente, e, em vez de conjurar certos desmandos, touxe-nos o bacillo de uma epidemia que não conheciamos: — *A livre doutorite aguda*; — o decreto 11.530, máo grado corrigir grandemente a desorganização do regimen de licença gerado pela Lei Organica, e não obstante os elevados intuitos que o dictaram, confiou somente ao Collegio Pedro II a tarefa pesadissima dos exames de preparatorios

nesta Capital, executada por processo imperfeito que obrigava os examinadores a celeridade, pois tinham que attender á affluencia de milhares de candidatos.

Meus senhores, com 33 annos consumidos em labôr modesto, mas sincero e constante, pela causa do ensino, quer no Estado do Rio, como Director de Instrucção Publica, no Governo do excelso patriota Alberto Torres e do inesquecivel patriarcha da Republica Quintino Bocayuva, e como professor da Escola Normal de Nitheroy, de cujas funções fui arbitrariamente destituído por ser adversario intransigente do extincto senador Nilo Peçanha, quer nesta Capital, onde fui inspector escolar, onde exerci o magisterio, o cargo de director do Internato do Collegio Pedro II, por designação do saudoso Conselheiro Affonso Penna, o de Secretario do Conselho Superior do Ensino, por espontanea lembrança de meu idolatrado tio, Barão do Rio Branco, e actualmente o de Director de Secção deste Departamento, presumo trazer credenciaes bastantes para vos falar, ao menos como veterano em assumptos desta natureza.

Quantos conhecem a minha franqueza habitual e o desassombro com que sempre manifestei e manifesto as minhas idéas, devem saber não accitaria o honroso encargo que me foi generosamente confiado pelo bondoso chefe e amigo, Dr.

Rocha Vaz, de explicar os fins desta notavel reunião, se não fosse realmente amigo, admirador e leal correligionario. desde o inicio da ultima campanha presidencial, do benemerito Sr. Dr. Arthur Bernardes, se por tal governo não houvera militado na imprensa, se pela sua defesa, que era e é a da lei, a da moralidade administrativa e a da Republica, eu não tivesse, sem nenhuma hesitação, mandado ás armas dois dos meus dilectissimos filhos, para que assim fosse completa e perfeita a minha inquebrantavel solidariedade com o insigne republicano, que ora dirige superiormente os destinos da nossa Patria! A homenagem de gratidão e carinho prestada ao eminente chefe do Estado e aos seus dignos Ministros da Justiça, os Exmos. Srs. Drs. Affonso Pena Junior e João Luiz Alves por este Departamento e por quantos a elle se associam, como legitimos patriotas, por quantos se interessam verdadeiramente pela instrucção e pelo aperfeiçoamento moral da nossa mocidade, não poderia ser cerimonia simples, como as com que a praxe official commemora normalmente, nas secretarias das repartições, a investidura mais ou menos transitoria dos nossos homens de Governo.

Se, porventura, nada valessem as sabias providencias do decreto n. 16-782-A, de 13 de Janeiro, com a admiravel criação do Departamento Nacional do Ensino, com a reorganização

completa do ensino secundario e do superior; quando olvidasemos as justas condições impostas pela reforma para o accesso ás academias; a supressão do defeituoso systema dos exames parcellados; o gesto liberal generalizador da concessão de juntas examinadoras aos collegios particulares, dando-lhes vida e estímulo e alliviando a sobrecarga do Collegio Pedro II e dos gymnasios estaduaes equiparados; a obrigatoriedade da frequencia, elemento basico para o real aproveitamento dos discentes; o processo de escolha do professorado, mediante o estagio da livre docencia; a exigencia do cumprimento dos programmas; a selecção intellectual do estudante; quando tudo isso se nos apagasse da memoria, jamais esqueceríamos um monumento grandioso e imperecivel: o concurso da União para uniformizar e nacionalizar o ensino primario, diffundindo-o por todo o nosso territorio.

Com extraordinario entusiasmo, applaudo de coração essa providencia felicissima, nobremente patriotica, quando soudo numero dos que consideram grave erro do legislador constituinte não ter deixado á União a responsabilidade immediata do ensino primario e do tecnico profissional, commettendo apenas aos Estados que dispuzessem de recursos proprios a manutenção dos cursos superiores, e á iniciativa particular, com o estabelecimento padrão federal, o ensino secundario.

Meus senhores, não é objectivo meu analysar todo o complexo mecanismo da recente reforma, senão realçar o que ella nos proporciona de novo e salutar, desatando com precisão difficuldades serias e antigas e dando, sobretudo, a escola, aspecto de dignidade que ha muito não tinha.

E' certo que as reformas, uma vez decretadas, não corrigem logo e radicalmente todas as imperfeições; mas previnem maiores calamidades, removem empecilhos, prescrevem as instituições condemnadas pela pratica, vencem a rotina e abrem era esperançosa, cheias de idéas novas, de vigor, de belleza e de incitamento.

Herdámos, infelizmente, dos nossos avós apêgo ás tradições, quaesquer que ellas sejam, apego que exaggeramos, como se tudo não devesse evolver em uma nacionalidade joven, cujo progresso fatale e vertiginoso não é licito deter, até o momento em que tenhamos de assumir papel definitivo e feição propria no seio das grandes potencias mundiaes.

Se quizermos florescer, teremos de ser originaes e innovadores, haveremos de possuir personalidade, como os americanos, cuja pujança juvenil nos assombra de momento a momento pela febre das suas creações surprehendentes e pela sua velocissima prosperidade.

Ora, a recente reforma do ensino derruiu resolutamente o nosso velho casarão didactivo

e aplainou o terreno para uma construcção sobria, decente e elegante.

Em que pese ao descontentamento dos tradicionalistas e dos adversarios de má fé, a obra ahi está imponentemente fundada, e vai-se, pouco a pouco, erguendo sobranceiro o formoso edificio que perdurará por muitos annos, para orgulho da nossa cultura.

O nobre estadista que nos governa, a cujo patriotismo, a cujo diuturno labor, a cuja rara honestidade deve o Brasil os melhores exemplos de cuidado pelas cousas publicas, de desenvolvimento pela nossa situação economica, de firme e paciente vigilancia sobre a ambição dos desordeiros e dos ladravazes que envergonharam a nossa civilização, acaba de realizar, com a recente reforma, a mais moralizadora de todas as providencias, levantando o ensino do abysmo e da anarchia em que se afundava nos dois ultimos annos.

O actual Ministro da pasta da Justiça e Negócios Interiores, Sr. Dr. Affonso Penna Junior, bem cedo revelou, na poesia e nas letras juridicas, no magisterio e na administração, as peregrinas qualidades de espirito e character que herdou de seu inesquecivel genitor, cuja memoria me é carissima, porque lhe devo a honra de ter servido como Director do Internato do Collegio Pedro II.

Permitti, meus senhores, que eu rememore com ufanía que, desde o advento da Repu-

blicá, desde que se havia orfanado dos carinhos excepcionaes do magnanimo Pedro II, nunca aquelle instituto de ensino, onde tive a ventura de me educar como alumno gratuito (por determinação generosa do notavel estadista Barão de Cotegipe), nunca havia merecido dos nossos dirigentes a atenção paternal que lhe dispensou o finado Conselheiro Affonso Penna, então na suprema magistratura do paiz.

A sua administração deve o Internato Pedro II época de grande prosperidade, infelizmente curta, porque a morte não consentiu que o illustre Chefe do Estado realizasse todos os beneficios que tencionava prestar ao estabelecimento.

O Exmo. Sr. Dr. Affonso Penna Junior, cuja solicitude pela causa da Instrucção se salientou desde os primeiros dias da sua gestão da pasta da Justiça com a atenção logo volvida para os assumptos de ordem didactiva, as visitas feitas ás nossas escolas, tem prestado á reforma o concurso da sua alta autoridade, acudindo, com a segurança de mestre na materia, a todas as duvidas que, em virtude da nova lei, têm de ser dirmidas por S. Ex.

Ao Exmo. Sr. Dr. João Luiz Alves, cuja visão clara não turbaram as multiplas preocupações dos negocios da importante pasta que illustrou não escapou felizmente o aspecto desolador da nossa vida escolar.

De sua extraordinaria mentalidade, de sua capacidade administrativa, de sua observação atilada, outra obra se não podia esperar senão o admiravel lineamento que gerou a actual remodelação pedagogica.

Aos seus meritos de legislador consagrado, á sua reputação de erudito professor de direito, á sua facundia limpida, aos seus louros litterarios juntou mais esse galardão aquelle que honra hoje a nossa jurisprudencia no Egregio Supremo Tribunal.

Seria injustiça, meus senhores, deixar de alludir neste momento a um homem, na verdadeira expressão do vocabulo, pela sua inquebrantavel energia moral, pelo seu sereno descortino e cuja forte, elevada e intelligente actuação já o tornou grande credor do paiz no desempenho galhardo que vem dando, com pulso firme, á integral execução da reforma: é o Dr. Rocha Vaz, cuja modestia immensa não conseguirá encobrir os seus já inestimaveis serviços a causa do ensino.

Elle é o factor decisivo do exito desse alto emprehendimento patriotico, porque é sob a sua acção immediata que se movimentam todas as molas do novo mecanismo administrativo, e, não fôra tamanha firmeza, o seu funcionamento não seria tão exacto e tão perfeito.

Clamem embora os interesses feridos contra o nosso chefe e elle a tudo superporá o interesse do ensino, que é o in-

teresse verdadeiramente nacional.

A reforma soffre a articulação de duas reclamações de todo improcedentes (e posso falar assim, porque nunca estudante algum, onde quer que tenha exercido a minha actividade, seja no magisterio, seja na administração publica, jamais deixou de encontrar da minha parte o melhor acolhimento e o mais sincero amparo ás suas pretensões justas e razoaveis): a lesão causada á normalidade do proseguimento de seus cursos e o exaggero das taxas estipuladas.

Nenhuma dessas reclamações é procedente, por isso que em relação ao ensino superior todas as providencias para a adaptação normal e conciliadora dos discentes á nova organização têm sido dadas com o melhor espirito equitativo pelo nobre Ministro da Justiça e pelo integro Director do Departamento.

Quanto aos estudantes do curso secundario, a reforma foi tão liberal que, precisando estirpar o processo falho e irregular de apparente habilitação no curso de humanidades, lhe garantiu todos os direitos, porquanto assegurou a conclusão dos estudos de preparatorios a todos os que tivessem prestado um só exame.

Entretanto, si nos reportarmos ao passado, inquirindo o que consta dos factos da administração federal, verificaremos que a chamada Lei Organica,

ao contrario disso, praticou a mais indigna das espoliações, até em relação aos que já se achavam no ultimo anno do curso secundario, mesmo no Collegio Pedro II, extorquindo-lhes o diploma de bacharel, que o Código, até então em vigor, lhes assegurava em sua plenitude.

Em compensação, com liberalidade desoladora e anarchica, estabeleceu o celebre exame de conjuncto que produziu a completa desmoralização do ensino secundario e do superior, levando o Collegio Pedro II quasi ao fechamento por estar virtualmente abolido o regimen do estudo, se não fôra a alta previsão de Raja Gabaglia, como director, permittindo o ingresso de maior numero de gratuitos no estabelecimento.

Foi ainda essa lei a eliminadora de muitas conquistas já no dominio do nosso meio estudante que produziu, em ironico contraste com o seu objectivo irrisorio de abolição de diplomas scientificos, a montagem escandalosa dessas usinas indecorosas de certificados e diplomas, a maior ignomia da vida escolar em nossa Patria.

Em relação ao augmento das taxas, é preciso dizer que, em 1900, quando se decretou o bem elaborado Código de Ensino, firmado pelo illustre Dr. Epitacio Pessoa, o art. 2º. das Disposições Transitorias augmentou tambem não só as taxas como os emolumentos até então cobrados.

A nunca assás malsinada Lei Organica do Ensino, fonte principal de toda a balburdia produzida nas nossas instituições escolares, neste particular foi verdadeiramente proteiforme, creando *onus* de toda a natureza.

E ninguem reclamou!

E ninguem protestou!

Entretanto, não se póde conceber sequer que o ensino, pelo seu actual custoso aparelhamento, pelas magnificas instalações indispensaveis á parte experimental, não exija hoje dispendios muito maiores, sendo de todo em todo razoavel algum accrescimo, como consequencia normal da garantia dada aos alumnos de preparo perfeito e completo, sob todos os aspectos.

Será de facto extraordinario o que dispõe o decreto da reforma das taxas estipuladas?

Peço licença para responder negativamente.

Para comprovar a minha asserção, não preciso recorrer ao custo do ensino nos paizes estrangeiros, mesmo porque sou em extremo nacionalista e prefiro servir-me da prata de casa, como diz o vulgo na sua singela expressão.

Admittir-se-á, porventura, que o curso superior, tão complexo e que assegura aos que ultimam os seus estudos vantagens inilludiveis em qualquer das profissões em que se encarreirem, possa ser menos dispendioso que o secundario?

Certamente que não.

A verdade da minha affir-

mativa resalta de simples cotejo das taxas de exame estipuladas no decreto da reforma e das contribuições cobradas em alguns dos nossos mais conceituados estabelecimentos de instrução secundaria.

Vou exemplificar.

Pela reforma, os alumnos dos nossos cursos superiores pagarão de taxas, annualmente, no primeiro anno 830\$000 (incluidas ahí as dos exames de admissão e respectivo certificado); do segundo ao quinto anno, inclusive, 690\$000; e no sexto anno, sendo doutores, 890\$000 e, dispensado este titulo, 840\$000.

Comparemo-las agora com as taxas cobradas por alguns dos collegios desta Capital, tomando como base sómente os alumnos externos, no curso secundario: Instituto Lafayette, alumnos externos de curso secundario, annualmente 720\$000; Externato Santo Ignacio, idem 700\$000; Aldridge College, externos do primeiro anno secundario, idem 1:700\$000, no segundo 1:800\$000; no primeiro anno de preparatorios, 1:900\$000, no segundo 1:900\$000 e no terceiro, 2:100\$000. Não consideremos o aspecto da questão em relação aos internos, porque do contrario, veriamos no Collegio Paula Freitas o interno do curso secundario pagando 3:000\$000 annuaes, no Aldridge o interno do 3 anno correspondente 2:600\$000 e para citar até instituto onde não póde haver

qualquer intuito de lucro, nenhum objectivo mercantil, o Collegio Diocesano S. José (notai bem, é de uma congregação religiosa) cobra 2:000\$000 para os internos do curso secundario.

Estes algarismos, que ahi ficam, falam eloquente e significativamente, respondendo aos que procuram mal orientar a nossa credula e bondosa juventude escolar.

Os censores da ultima reforma gritam e clamam desrazoadamente contra as taxas, e omittem uma vantagem benemerita que nenhuma outra instituiu, e que, por si só, mostra que o Governo não olvidou os desprotegidos de recursos que queiram matricula nas Escolas superiores: a gratuidade expressamente estabelecida com a liberalissima indicação partida até dos proprios collegas, os mais insuspeitos juizes, para cinco alumnos de cada serie!

Onde a procedencia da censura?

A' ira dos absurdos censores applicam-se as seguintes palavras de memoravel escriptor:

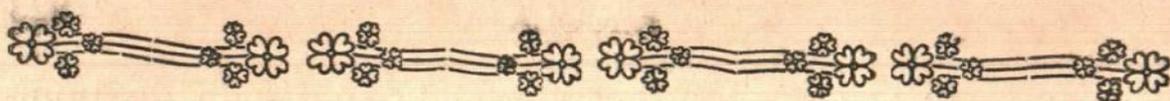
«Acontece aos moderadores e reformadores da sociedade o mesmo que acontece aos argonautas e exploradores da natureza; quando não morrem no caminho, suam sangue para caminhar. Superiores, mui superiores ás bravezas do mundo physico, as bravezas do mundo moral. Naquelle golpeia-se, marty-

riza-se, principalmente o corpo; neste atassalam-se, sarjam-se corpo e espirito. Quem sabe? Primará este, talvez, em superficies luzentes e horizontes formosos; encerra, porém, durezas mais cruas e riscos mais acerbos, desencandeia tormentas mais fortes e espumeja flagícios maiores. As sombras da natureza mal são comparaveis ás sombras dos erros humanos; o amargor existente no seio dos mares não mede confronto com o fel dos humanos prejuizos. Acolá, para avançar, tendes que combater a fatalidade dos elementos que se alhanam afinal docilimos, como as creanças. Aqui, tendes que vencer o contrapeso das tradições, dos habitos, dos preconceitos, dos interesses, dos privilegios, da ambição e da rotina; tendes que açaimar a furia das paixões que resistem sempre rancorosas, que escabujam, que respingam sempre rispidas, assanhadas como serpentes.»

Meus Senhores, em nome do Exmo. Sr. Dr. Director Geral deste Departamento e no de todos os seus subordinados, tenho a subida honra e o grande desvanecimento de declarar inaugurados os retratos dos Exmos. Srs. Drs. Arthur Bernardes, benemerito Presidente da Republica, Affonso Penna Junior, dignissimo Ministro da Justiça e Negocios Interiores, e João Luiz Alves, ex-ministro desta pasta e autor da reforma do ensino.

Casa Tobinha — No dia 17 de Agosto corrente os srs. Campos e Machado inauguraram, a rua Bethencourt da Silva 12 (edificio do Hotel Avenida) em anexo «A' Telephonica», um estabelecimento commercial denominada «Casa Tobinha», destinado á venda de bombons finos, balas e artigos para presentes. Na cerimonia da inauguração, para a qual recebemos gentil convite, foram distribuidos aos presentes finissimos bombons e excellentes balas.





Atravez das revistas

Instituições científicas russas—*A Soviet Union Review* órgão commercial bolcheviche que apparece em Londres, publica em seu numero de 25 de Abril ultimo uma extensa lista de instituições científicas, centros de ensino, museos. etc., existentes na chamada *Russian Soviet Federation of Socialistic Republics*.

Este catalogo inclue 21 instituições em relações actualmente com a Academia de Sciencias de Petrogrado, 15 sociedades phisicomathematicas e 12 physicas, 6 estações biologicas, 7 institutos de investigações historophysicas e mathematicas, 4 sociedades de economia politica e investigações culturaes, 6 dedicadas a estudos sociaes, 4 institutos de investigações pedagogicas, 11 bibliothecas scientificas em Moscow, 9 em Petrogrado e 13 em diversas provincias da Russia, 25 sociedades regionaes, varios museus etc. O objectivo deste catalogo é fazer alarde de fingidos desvelos do governo

bolschevishe em prol das sciencias e artes.

A' esta lista a revista ingleza *Nature* faz o seguinte commentario: Temos que dizer que a grande maioria destas instituições são restos das já existentes em tempos do imperio, e que em muitas não fizeram mais do que mudar os titulos. Como novas se encontram os institutos para propaganda do bolschevismo, como o Instituto de professores vermelhos de Moscow, a cadeira para o estudo do marxismo, em Kazan, e a Sociedade marxista de Petrogrado.

Embora os museus se tenham enriquecido com material novo e augmentado em numero, isso se deve á confiscação de muitas colleccões privadas e da conversão de alguns palacios particulares em museus.

«O artigo da *Soviet Union Review* não lança nenhuma luz sobre a efficacia de taes instituições; porem se sabe que não cessa de oppor serios embara-

ços aos cultores da sciencia; e que as subvenções concedidas a muitas de taes instituições, esplendidas no papel, são ridiculas na realidade.

Assim, uma subvenção de 130.000 rublos ouro para a manutenção de uma das principaes sociedades scientificas, fica reduzida a 3.000, de sorte que para seu funcionamento não tem a dita entidade outro recurso senão o producto de elevados direitos de visita aos museus que têm de satisfazer os proletarios».

O Instituto psychologico Profissional de Utrecht (*Continuação*) — Tal é o nome da instituição a que nos referimos no artigo anterior (1) o qual vem a ser um laboratorio de investigações psychologicas sobre as diversas profissões, e um consultorio em se dão conselhos para a escolha de officio, baseados na investigação scientifica das diversas profissões. «O Instituto de profissões tem por fim, dizem seus estatutos, submeter a uma continua investigação psychologica as diversas profissões e, em particular, dar conselhos psychologicos a operarios adultos na escolha ou eleição de um officio» Para levar a pratica estes dois fins, se servem dos seguintes processos; 1) proceder á investigação experimental comparada e estatistica das enfermidades que está mais exposta cada profissão e do estado moral dos trabalhadores; 2) de-

terminar as qualidades que se requerem no trabalhador para as differentes profissões; 3) submeter a um exame psychologico experimental aos trabalhadores convidados ou que espontaneamente se oferecem a elle; 4) seguir por meio de uma investigação suplementar annual a situação psychologica dos trabalhadores que foram examinados, e isso durante todo o curso ulterior de sua vida profissional; 5) comprovar scientificamente os exames psychologicos feitos, talvez, previamente, por outros psychologos especializados no estudo de alguma profissão; 6) influir na escolha de instrumentos e machinas, e na installação das officinas, de maneira que reunam as condições psychologicas que requer o bem estar dos operarios; 7) organizar periodicamente para o mesmo fim exposições de material, instrumentos e machinas; 8) crear institutos psychologicos locais de orientação profissional, relacionando-os com o Central; 9) dar aos syndicatos filiados, e de accordo com as succursaes, conselhos especiaes sobre as difficuldades psychologicas que surjam dentro de sua esphera de acção

Vastissimo, como se vê, é este plano, o qual não se concretiza somente a dar conselhos sobre a escolha da profissão, orientando as vocações, mas que se estende á melhor organização do trabalho. O primeiro interessa directamente ao operario; o segundo ao patrão; e am-

bas cousas não podem senão redundar em bem de todos, conseguindo grandes benefícios á sociedade.

Salta aos olhos que a realização de um plano tão vasto requeria um centro bem montado, com ramificações ou succursaes no paiz, o qual não era possível sem contar com grandes recursos economicos e sem abundante pessoal, não só no que se refere ao que tem de dirigir e investigar, como também ao que tem de servir de material de estudo. Em outras palavras: uma obra como esta requeria dinheiro, psychologos e individuos para experimentação. Pois bem, o instituto psychologico de Utrecht não precisou destas tres cousas; e poudé realizar, pelo menos em grande parte, o plano que se havia proposto. Quanto aos meios economicos, podia contar com alguma subvenção do Estado, assim como também com donativos particulares; mas como estes recursos eram incertos, a Confederação de Syndicatos catholicos da Hollanda se encarregou de custear os gastos. Isso mesmo fez com que não faltassem individuos para investigação, pois os operarios dos syndicatos catholicos, tomando a cousa como propria, se offereciam facilmente ás observações dos psychologos.

Para a direcção das investigações, se constituiu um comité composto de um director, o Padre von Ginneken, de tres membros da Confederação, os

senhores Smulders, Serrarens e Van Welie, e de um secretário que era ao mesmo tempo chefe do laboratorio psychologico.

Seria tarefa muito ampla ir descobrindo por miudo os passos que se foram dando na investigação, as difficuldades que nella se encontraram e a maneira como vieram a concretizar e estabelecer-se os procedimentos da instituição para poder chegar a dar conselhos seguros acerca de algumas profissões. Bastará aqui indicar somente os pontos culminantes das investigações que se fizeram durante tres annos, antes de que o Instituto começasse a prestar normalmente seus serviços. O primeiro que interessava era conhecer o que havia de aproveitavel nas outras instituições similares da Hollanda que haviam adoptado mais ou menos os methodos de Taylor.

Afim, pois, de obter informações precisas sobre os resultados do *taylorismo* na Hollanda, se fez uma *enquete* por meio de um questionario enviado ás diversas organizações. As respostas foram poucas, porém sufficientes para comprovar que, sob o ponto de vista psychologico e moral, o systema do engenheiro norte americano apresenta não pequenos inconvenientes. Seguiu-se logo uma segunda *enquete* que tinha por fim aplainar o caminho á determinação das aptidões requeridas para as diversas profissões.

O questionario desta *enquete* contave de 131 perguntas, e foi enviado em numero de

3000 exemplares a homens praticos e peritos em differentes officios.

As respostas, ainda que notavelmente inferiores em numero ao de exemplares remettidos, foram, contudo, sufficientes para que se pudese formular um schema previo e provisorio das qualidades requeridas para as differentes profissões, o qual foi aperfeiçoando-se por meio do exame psychologico de um grande numero de operarios, pertencentes a officios diversos, e que, segundo a apreciação commum tinham differentes grãos de aptidão para elles. Estes exames psychologicos, verificados por meio de *tests*, permittiram a fixação de um systema de elos para poder apreciar, não somente a presença de uma aptidão em um individuo, senão tambem o grão de perfeição relativa que nelle alcança.

Estes exames qualificativos e quantitativos das diversas aptidões dos individuos, eram indispensaveis para poder chegar a traçar o schema qualificativo e quantitativo das aptidões proprias de uma profissão determinada, e para poder diagnostical-as com precisão e, sobretudo, com facilidade, em um individuo que se apresentasse ao instituto psychologico para solicitar um conselho sobre a sua vocação.

Em tudo isso, os psychologos de Utrecht, não se serviram de outros methodos que os commummentes em uso nesses estudos, e podem ser

vistos nas obras que delles tratam. Por isso não nos demoramos em expô-los aqui, e nos contentaremos em notar uma particularidade do methodo por elles adoptado, com o que pretendem evitar alguns dos graves inconvenientes a que estão expostos os processos que mais ou menos imitam os de Taylor.

E, com effeito, uma nota característica do methodo adoptado pelo instituto psychologico profissional de Utrecht, o intento de abarcar do modo o mais completo possivel toda a psychologia do individuo, para o que não se contenta, como no systema de Taylor, em comprovas e medir umas quantas aptidões que apresentam uma relação directa e obvia com as que se requerem para uma profissão determinada, senão que intenta traçar um psychogramma completo do individuo que consulta sobre sua vocação, para o qual lança mão de nada menos que 120 *tests*, correspondentes a outras tantas aptidões.

Quaes sejam estas o diremos mais adiante, em outro artigo que escreveremos sobre o methodo graphico do instituto de Utrecht.

Por ora basta dizer que os resultados na pratica têm sido satisfactorios; e ainda que o instituto psychologico Central de Utrecht tenha a intenção de continuar suas investigações e extende-las tambem ás profissões liberaes ou ás carreiras litterarias, o feito até agora lhe permittê exercer já com proveito a ori-

entação profissional a respeito de alguns officios mecanicos que mencionaremos tambem em outro artigo.

Actualmente funciona normalmente, installada em uma antiga casa senhorial de Utrecht, com todas as commodidades e intrumentos propios de um laboratorio de Psychologia applicada á orientação profissional, e está em relações com numerosas instituições filiaes espalhadas por todo o paiz.

Sua maneira de proceder não differe em geral das demais instituições analogas. Ao apresentar-se um operario em procura de um conselho, faz-se-lhe encher previamente um questionario relativo á sua vida passada e á de sua familia; nelle se consignam sua idade, sua instrucção, as materias por que sentia predilecção na escola, a profissão de seus paes e dos principaes membros da familia, seu gosto ou desgosto pela profissão paterna, o officio que deseja abraçar ou o que talvez haja exercido, a indicação do officio ou officios a respeito dos quaes desejaria ser aconselhado e examinado. . . Uma vez precisadas as occupações entre as quaes se trata de escolher, se procede ao exame por meio das provas mentaes correspondentes. Antes de executal-as se dão ao examinando as instrucções convenientes de uma maneira pratica, e os resultado se exprimem em cifras, as quaes se submettem logo aos calculos correspondentes, para deduzir o re-

sultado total. Este exame é muito detido e escrupuloso, para elle se necessita toda uma manhã e muitas vezes o dia inteiro. O resultado deste exame é o psychogramma individual da pessoa que consulta sobre sua vocação; e a comparação deste psychogramma individual com os psychogrammas profissionaes previamente estabelecidos da maneira que anteriormente foi dito, dá logar ao conselho definitivo sobre a vocação. Em caso de duvida tem-se em conta as informações consignadas no questionario previo; e se fôr preciso intervirá tambem o director geral.

Ao examinado se dá por escripto a *dictamen* definitivo, e se lhe exige promessa de dar conta cada anno ao instituto do que occorrer sobre o exercicio de sua profissão.

Desde este momento a instituição não o perde mais de vista em sua vida profissional, informando-se periodicamente, por meio dos patrões, das disposições que apresenta e dos resultados que obtem no desempenho de seu officio.

Com effeito, seu nome fica inscripto em uma ficha onde se consigna, em primeiro logar, os resultados dos diversos *tests* a que foi submettido no exame, e a esses dados vão se accrescentando, de tempo em tempo, os informes complementares. Desta sorte o instituto psychologico Central de profissões de Utrecht vai formando um archivo riquissimo, que com o tempo

conterá os dados mais preciosos, sob o ponto de vista psychotecnico, sobre a psychologia do operario hollandez. O conteúdo deste archivo é absolutamente secreto, de tal maneira que somente podem utilizal-o o director geral e o chefe do laboratorio, que se obrigam, sob promessa formal, a não revelal-o a ninguem.

Esta reserva e segurança é de muita importancia para o credito e a prosperidade da instituição.

Tal é, descripto em geral, o funcionamento do instituto de Utrecht, digno de ser conhecido por sua prudente or-

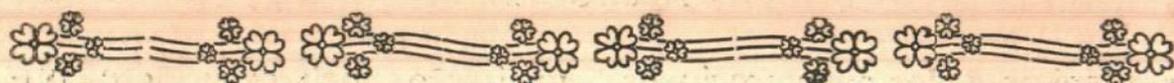
ganização, pela extensão e utilidade de seus planos, e especialmente por ser uma obra não official, mas devida em grande parte ás iniciativas dos Syndicatos Catholicos da Hollanda e á direcção de um homem tão eminente como o Padre van Gynneken, S. J.

Trataremos em outro artigo do methodo graphico por elle adoptado para schematisar as psychographias individuaes e profissionaes, e facilitar o conselho sobre a vocação.

Fernando Maria Palmes,
S. J.

(Continúa)





BIBLIOGRAPHIA

A Voz do Mar—*Anno IV*
—*Num. 46*—*Rio de Janeiro, 19*
de Julho de 1925—*Orgão Official*
da Confederação Geral dos Pesca-
dores do Brasil—*Boletim da Dire-*
ctoria da Pesca.—Variados artigos
e copiosa informação, destacando-
se as paginas consagradas á
memoria do saudoso capitão
tenente Gumercindo Portugal
Loretti, esforçado batalhador em
prol dos interesses da pesca
no Brasil.

Revista Maritima Bra-
sileira—*Anno XLIV*—*N. 10*—
Abril de 1925—Publico traba-
lhos do Almirante Gago Couti-
nho, Commandante Baggaley,
Augusto Vinhaes, Cap. ten.
Armando Trompowsky, Cap. de
corveta Lucas A Boiteux, 1º
tenente Diogo Borges Fortes,
Marechal Roberto Trompowsky,
além das secções editoriaes cos-
tumeiras.

El Monitor de la Edu-
cacion Comúm — *Año 43*—*I*
Tomo 93—*N. 629*—*Organo de*
Consejo Nacional de Educacion—

Traz trabalhos de Julio A. Costa,
Enrique M. Olivieri, Antonio
Restanio, Emilio Descotte, Lilia
G. Lacoste, José Gentile, além de
variadas e interessantes secções
editoriaes

A Escola Primaria —
Anno IX—*N. 4*—*Junho de 1925*
— Além de um artigo editorial
sobre “*O sentimento republicano*”,
traz trabalhos firmados por Dr.
Bastos de Avila, Alba Nascimento,
Jonathas Serrano, Sebastiana
Figueiredo, Othello Reis, C. Pa-
dilha, Noemia Siqueira e Inah
Martini.

Revista Italo-Brasileira
di Scienze, Industria, Com-
mercio—*Anno I*,—*N. 1*—*Milano*
—*Marzo*—*Aprile, 1925*—Esta no-
va revista fundada e dirigida
pelo Dr. Alessandro Rivolta,
com séde em Milão e tendo
uma succursal em S. Paulo, traz,
em seu primeiro numero, além
de um artigo de apresentação
aos leitores, trabalhos varios e
interessantes.

A ESCOLA



Em todas as escolas
norte-americanas, os
professores apresentam,
como symbolos da hy-
giene infantil, a escova
de dentes e o sabonete

“COLGATE”

dá-vos o melhor crême dentifricio e os
sabonetes mais perfumados
e duraveis

1º de Marco, 89 Agentes geraes Praça da Sé, 34
Rio Leone & C. S. Paulo

Use...

S. S. WHITE

*Clarea os dentes
Refresca agradavelmente
a bocca.
Apreciada
até pelos
petizes*



PREPARADA PELA MAIOR FABRICA DE ARTIGOS DENTARIOS do MUNDO

A ESCOLA

AO REI DOS MARES

Importadores de aparelhos para electricidade, agua, gaz, esgotos, folha de flandres, cobre, estanho, bacias e lavatorios de ferro esmaltado e de louça. Fogões, canos de ferro e de chumbo, lustres, lampeões, arandellas e mais artigos concernentes, e das legitimas lampadas «Economicas». Encarregam-se de

instalações electricas.

Instalações sanitarias em estabelecimentos de ensino

MEDEIROS SARTORE & CIA.

Successores de MEDEIROS & BORGES

Rua Marechal Floriano, 23 e Theophilo Ottoni, 142

Telephone Norte 1096
Rio de Janeiro



AS CRIANÇAS DE PEITO

(SUAS MÃES OU AMAS SE TONIFICAM COM O

VINHO BIOGENICO

DE GIFFONI

AUGMENTAM DE PESO E FICAM BELLAS,
ROBUSTAS E DESENVOLVIDAS.

A VENDA NAS BÓAS PHARMACIAS E DROGARIAS

DEPOSITO:
DROGARIA FRANCISCO GIFFONI & C^{IA}
RUA 1^ª DE MARÇO, 17 - RIO DE JANEIRO

LIG. D. N. S. PUBLICA Nº 469 DE 16-9-905. (MARCA REGISTRADA)

PÓ DE ARROZ

LADY

É O MELHOR E NÃO É
— O MAIS CARO —

A' venda em todo o Brasil

PERFUMARIA LOPES

RIO

A ESCOLA

COMPANHIA MECHANICA E IMPOR- TADORA DE S. PAULO

Séde em S. Paulo — Rua 15 de Novembro no. 36

Endereço Telegraphico "MECHANICA"

Caixa Postal 81

CAPITAL RS.: 10.000:000\$000 — FUNDO DE RESERVAS RS.: 8.364:172\$528

FILIAL NO RIO DE JANEIRO

Avenida Rio Branco, 63 — 1º andar

End. Telegraphico "JAVASCO"

Caixa Postal 1534 — Phone N. 5374

Grande Fabrica de Oleos — Rua S. Christovão, 650

CONSTRUCTORES E EMPREITEIROS

Fornecedores dos Ministerios Federaes, Repartições Publicas
e Estradas de Ferro.

Machina para lavoura, tur-
binas e engenhos.

Grande laminação de ferro
e aço.

Fundição de aço ferro e
bronze.

Officinas mechanicas.

Fabrica de enxadas, macha-
dos e picaretas.

Fabrica de parafusos, rebi-
tes, porcas, etc.

Fabrica de pregos (pontas
de Paris).

Fabrica de tubos de barro,
material sanitario, telhas e
tijolos.

Grande Serraria.

Trilhos, carvão, ferro, aço,

material para estradas de

ferro, cimento, tintas, ver-

nizes, solda caustica, breu,

folhas de flandres, tubos

pretos e galvanizados, etc.

AGENTES EXPORTADORES DE

Aniagem, tecidos de juta, al-

godão, e outros, saccos

para café, cacau, cereaes, etc.

Carnes congeladas e

em conservas, couros, sebo,

Acidos, oleos, louça

esmaltada.

FILIAES:

Rio de Janeiro, Santos, Londres, Nova-York e Genova

A ESCOLA

RUPTURITA Patentes 3970

e 11638

ALTO EXPLOSIVO BRASILEIRO DE

ALVARO ALBERTO

Lente de chimica e de explosivos da Escola Naval

F. Venancio & Cia. — Fabricantes

Avenida Rio Branco, 29—1.º andar Telephone N. 3974

Endereço telegraphico — "Rupturita"

RIO DE JANEIRO

|| INDICADOR ||

— ADVOGADOS —

Dr. Antenor Teixeira de Carvalho
Consultas de 11 a 1 e de 3 ás 6
horas.

Rua da Alfandega, 104 sob.
Teleph. Norte 3757

Dr. Malcher da Cunha

Rua dos Ourives, 13 — Sala 6
Teleph. 1669 Norte

— MEDICOS —

Dr. Francisco Eiras
Prof. da Faculdade de Medicina
Especialista em molestias da
garganta nariz e ouvidos
Consultorio: R. S. José, 61
1.º andar
Teleph. Central 4625
Residencia: R. Soares Cabral, 71
Teleph. Beira Mar 813

Dr. Octavio Ayres
Da Faculdade de Medicina
Cons. - R. de S. José, 61-1º andar
Teleph. Central 4625
Residencia: R. da Passagem, 198
Teleph. Sul 2482

Dr. Oby Loyola
Do Instituto de Assistencia á In-
fancia.
Clinica de Creanças
Residencia: Rua Arnaldo Quin-
tella, 104 antiga D. Polixena =
Botafogo = Sul 775

Dr. A. Nogueira da Silva
Dr. H. Baptista Pereira
Clinica medica e doencas dos olhos
tratamento pela — Homœopathia
Cons.: Trav. S. Francisco de
Paula, 9 - 1.º andar.

A ESCOLA

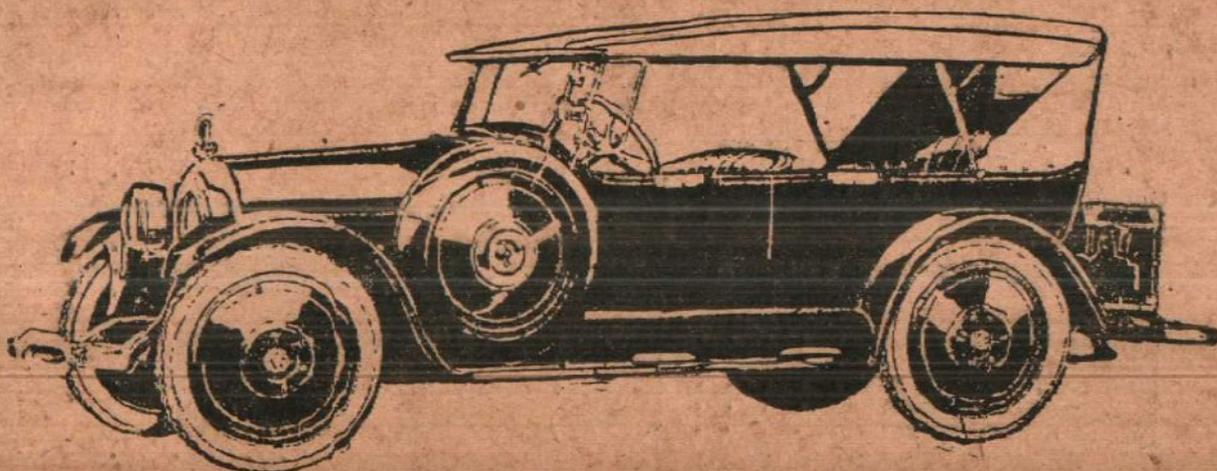


“NASH” o carro ideal

Notavel pela sua belleza, força, commodidade,
duração e economia

O carro NASH, é o que mais convem para o serviço da praça,
não só pelas suas qualidades, como pelas vantagens
que offerece aos chauffeurs e particulares

Vendas a longo prazo



Os novos modelos dos carros NASH de 4 e 6 cylindros

AUTO-GERAL

Companhia Commercial e Maritima

RUA BENEDICTINO, 1 a 7—(Esq. da Av. Rio Branco)

RIO DE JANEIRO



Livraria Francisco Alves

RIO DE JANEIRO S. PAULO BELLO HORIZONTE
 Rua do Ouvidor, 166 Rua Libero Badaró, 129 Rua da Bahia, 1055
 PAULO DE AZEVEDO & C. — Livreiros Editores e Importadores

HILARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional	\$600
Segundo livro de leitura	1\$000
Terceiro livro de leitura	1\$000
Quarto livro de leitura	1\$000

THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia	\$600
Segundo livro de leitura	1\$500
Terceiro livro de leitura	2\$000

EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

Primeiro livro de leitura	2\$000
Segundo livro de leitura	2\$500
Terceiro livro de leitura	3\$000
Quarto livro de leitura	3\$500
Quinto livro de leitura	3\$500

SERIE PUIGGARI BARRETO

Cartilha Analytica	1\$500
Primeiro livro de leitura	2\$500
Segundo livro de leitura	3\$000
Terceiro livro de leitura	3\$000
Quarto livro de leitura	3\$500

ARNALDO BARRETO

Cartilha das mães	1\$000
Primeiras leituras	2\$000
Leituras moraes	2\$000

FRANCISCO VIANNA

Primeiros passos na leitura	1\$500
Cartilha	1\$800
Leitura preparatoria	2\$000
Primeiro livro de leitura	2\$500
Segundo livro de leitura	3\$000
Quarto livro de leitura	4\$000

JOÃO KOPKE

Primeiro livro de leitura	2\$000
Segundo livro de leitura	2\$500
Terceiro livro de leitura	2\$500
Quarto livro de leitura	3\$500
Quinto livro de leitura	4\$000
Leituras praticas	3\$000
Fabulas em verso	1\$500

D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura intermediaria	2\$000
Leitura para o segundo anno	2\$500
Leitura para o terceiro anno	2\$500
Leitura para o quarto	3\$000

D. RITA DE BARRETO MACEDO

Leituras preparatorias	2\$000
Primeiro livro de leitura	2\$000
Segundo livro de leitura	2\$500
Terceiro livro de leitura	2\$500
Quarto livro de leitura	3\$000

VABILIO CESAR BORGES

Primeiro livro de leitura	\$600
Novo primeiro livro de leitura	1\$000
Segundo livro de leitura	2\$500
Terceiro livro de leitura	2\$500

SABINO E COSTA CUNHA

Expositor da Lingua materna	1\$000
Segundo livro	1\$000
Segundo livro	1\$000

FERREIRA DA ROSA

Melhodo de aprender a ler	\$500
Segundo livro de leitura	1\$600
Terceiro livro de leitura	2\$000
Excursões escolares	1\$000

DR. MARIO BULCÃO

Vida infantil Primeiro livro	1\$500
Vida infantil Segundo livro	2\$000
Vida infantil Terceiro livro	2\$000

COLLECCÃO F. T. D.

Quadros muraes, cada quadro	1\$000
Novos principios de leitura	1\$000
Guia infantil, primeira parte	2\$000
Guia infantil, Segunda parte	2\$000
Guia infantil, as duas partes	4\$300
O primeiro livro de André 1ª parte	2\$300
O segundo livro de André 2ª parte	2\$300
Compendio de historia sagrada	6\$000
Noções de sciencia	2\$000
Anthologia (Terceiro livro da coll.)	4\$000
Anthologia (Quarto livro da coll.)	6\$000
E. DE AMICIS — Coração	2\$000

AFRANIO PEIXOTO

Minha terra e minha gente	2\$500
BILAC e NETTO—Contos patrios	3\$500
» » Paria Brasileira	3\$500
» » Theatro Infantil	2\$500
CORREIA E BARRETO—Era uma vez	2\$000
A. M. Pinto—Proverbios populares	2\$000
BILAC e BOMFIM — Leitura complementar	4\$000
ALBERTO DE OLIVEIRA — Céu, Terra e Mar	3\$500

TANCREDO AMARAL

Livros das Escolas	3\$000
------------------------------	--------

BARRETO E LAET

Anthologia Nacional	6\$000
-------------------------------	--------

EUGENIO WERNECK

Anthologia Brasileira	6\$000
---------------------------------	--------

JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos	3\$000
Selecta classica	4\$000

DUQUE ESTRADA

Thesouro poetico	3\$500
B. R. — Leitura manuscrita	1\$500

A. BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educacao moral e civica	2\$500
OLAVO BILAC — Doessias infantis	3\$500
L. FERDINAND — Livro das creanças	2\$000
R. PUIGGARI — Album de gravuras	2\$000

RAMON ROCA DORDAL

Paginas Civicas — Ensino medio, Livro primeiro	2\$000
Livro segundo	3\$000